



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI - UNIVATES
CURSO DE JORNALISMO

**A HISTÓRIA DO RÁDIO E DA TELEVISÃO PELA PERSPECTIVA
BIOGRÁFICA-MIDIÁTICA DE SÉRGIO REIS**

Priscila Cristiane Rodrigues Araújo Santiago

Lajeado, dezembro de 2017

Priscila Cristiane Rodrigues Araújo Santiago

**A HISTÓRIA DO RÁDIO E DA TELEVISÃO PELA PERSPECTIVA
BIOGRÁFICA-MIDIÁTICA DE SÉRGIO REIS**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Jornalismo, da Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES, como parte da exigência para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dra. Jane M. Mazzarino

Lajeado, dezembro de 2017

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus. Àquele que é capaz de fazer infinitamente mais do que tudo o que pedimos ou pensamos, de acordo com o seu poder que atua em nós. A Ele seja a glória! (Efésios 3:20 e 21)

Agradeço aos meus avós maternos Rudolf Hermann Fast e Sérgia de Oliveira Fast, que sempre me fizeram entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente.

Aos meus pais Alexandre Norberto Engster dos Santos e Raquel de Oliveira dos Santos, por cada incentivo e orientação, pelas orações em meu favor e pela preocupação para que estivesse andando pelo caminho correto. Obrigada pelo constante apoio e incentivo para que eu não desistisse de caminhar nunca, ainda que em passos lentos, e por me mostrar que é preciso caminhar para chegar a algum lugar. Obrigada por estarem ao meu lado sempre!

A minha irmã Suélen de Oliveira dos Santos Rodrigues, cunhado João Thomas Flores Rodrigues e sobrinhos/afilhados Nicolas e Augusto, pelo amor, incentivo e apoio incondicional. Em especial, a minha amada irmã que desde muito nova é a minha companheira de sonhos e vida.

Ao meu esposo Felipe Allen Rodrigues Santiago, que com muito carinho e apoio, não mediu esforços para que eu chegasse até esta etapa.

À Associação Comercial e Industrial de Lajeado, em especial a pessoa do Antonio Juarez da Silva, por acreditar na minha capacidade, ser um grande incentivador, exemplo de profissional e ser humano. Além dos colegas Gilmara Esteves Scapini, Josuel Blau e Tales Berté pelo companheirismo, encorajamento e amizade sincera. Eternamente grata!

A minha companheira de curso e melhor amiga, Vanessa Paliosa por aguentar minhas crises existenciais, contradizentes com dias de entusiasmo exagerado. Agradeço pelas palavras de ânimo, conselhos, abraços e o constante incentivo. Nós sabemos o quanto de dedicação foi necessária para que chegássemos até aqui, e ter você ao meu lado fez tudo valer a pena. Obrigada por ter compartilhado comigo os melhores anos da minha vida!

A minha grande amiga Fernanda Scherer, por embarcar comigo nesta aventura. Nada disso se tornaria realidade se eu não contasse com teu talento, incentivo e amizade. Obrigada do fundo do coração!

À fonte testemunhal deste trabalho, professor Sérgio Luiz Puggina Reis, por permitir-me contar sua história.

A minha orientadora Jane Márcia Mazzarino, por todo o tempo dispendido, empenho dedicado, energia depositada e palavras de grande incentivo para a elaboração deste trabalho.

De maneira muito especial, agradeço à Universidade do Vale do Taquari, a Univates, que é referência em qualidade de ensino. Sinto-me orgulhosa de concluir minha formação nesta instituição.

RESUMO

O rádio e a televisão são meios de comunicação de massa que marcaram o século XX. Desde a sua criação, os dois meios de comunicação ampliaram suas possibilidades de uso pela população brasileira e mundial e hoje representam um fator importante na construção da cultura popular moderna da sociedade. A história destes meios no Brasil, do período de 1940 à atualidade, é narrada neste estudo a partir do olhar de autores e de uma fonte testemunhal. O objetivo geral da pesquisa é investigar a história do rádio e da televisão a partir do cruzamento de pesquisa bibliográfica e a história de vida midiática do jornalista Sérgio Luiz Puggina Reis, que possui mais de 60 anos de carreira. A pesquisa é de cunho qualitativo, com finalidade exploratória. Para este trabalho foram utilizadas as pesquisas bibliográfica, documental e de campo, a fim de dar subsídios ao alcance dos objetivos propostos. A entrevista realizada com a fonte testemunhal foi gravada e resultou em um documentário. A análise textual aconteceu com a utilização dos livros que narram a história da rádio e televisão e com os relatos gravados, que em seguida foram transcritos. O resultado da pesquisa foi um resgate de memória de Sérgio Luiz Puggina Reis que narrou e destacou as mudanças nas diferentes fases do rádio e da televisão.

Palavra-chave: Rádio. Televisão. Meios de comunicação. História.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1 Objetivos	8
1.1.1 Geral	8
1.1.2 Específicos	9
1.2 Justificativa.....	9
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	11
2.1 Pesquisa Qualitativa	11
2.2 Tipo de pesquisa	12
2.3 Tratamento de dados	16
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	19
3.1 Marcos da história mundial	19
3.1.1 Surgimento do rádio no mundo	20
3.1.2 Surgimento da televisão no mundo.....	23
3.2 Marcos na história brasileira.....	27
3.2.1 Surgimento do rádio no Brasil	27
3.2.2 Surgimento da televisão no Brasil.....	32
3.3 Linha do tempo.....	32
3.3.1 Década de 1940	33
3.3.1.1 Rádio	33
3.3.1.2 Televisão	36
3.3.2 Década de 1950	37
3.3.2.1 Rádio	37
3.3.2.2 Televisão	39
3.3.3 Década de 1960	43
3.3.3.1 Rádio	43
3.3.3.2 Televisão	45
3.3.4 Década de 1970	51
3.3.4.1 Rádio	51
3.3.4.2 Televisão	53
3.3.5 Década de 1980	57
3.3.5.1 Rádio	57
3.3.5.2 Televisão	59

3.3.6 Década de 1990	62
3.3.6.1 Rádio	62
3.3.6.2 Televisão	68
3.3.7 Anos 2000	70
3.3.7.1 Rádio	70
3.3.7.2 Televisão	73
3.3.7.3 Univates	75
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS.....	82
ANEXO.....	87
ANEXO A – Link para documentário	88

1 INTRODUÇÃO

O rádio e a televisão são meios de comunicação de massa que marcaram o século XX. O rádio teve sua primeira transmissão datada em 1.900, marco na história pelo seu alcance e velocidade muito superiores, ao contrário do jornal, único meio utilizado pela população na época. A televisão surgiu em 1924, com a junção dos componentes gráficos de jornal, como figuras e imagens, com o áudio do rádio.

No Brasil, o rádio nasceu em setembro de 1922, com a transmissão à distância e sem fios da fala do presidente Epitácio Pessoa na comemoração do centenário da Independência do país, no Rio de Janeiro – capital federal na época - e inauguração da radiotelegrafia brasileira. Acompanhando tudo e entusiasmado com as transmissões e inovações, o médico e pesquisador de radioeletricidade, Roquette Pinto, convenceu a Academia Brasileira de Ciências a patrocinar a criação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que viria a ser a PRA-2.

A televisão, por sua vez, teve sua pré-estreia no país em abril de 1950, com a apresentação do frei José Mojica, padre e cantor mexicano. Ela começou de fato em setembro de 1950, trazida por Assis Chateaubriand, que fundou o primeiro canal de televisão no país: a TV Tupi.

Desde então, os dois meios de comunicação ampliaram suas possibilidades de uso pela população brasileira e mundial e, hoje, representam um fator importante na construção da cultura popular moderna da sociedade. A história destes meios no

Brasil, do período de 1940 à atualidade, é narrada neste estudo a partir do olhar de autores e de uma fonte testemunhal.

Os depoimentos são do jornalista Sérgio Luiz Puggina Reis, que possui mais de 60 anos de carreira e, atualmente, é professor da Universidade do Vale do Taquari (Univates), onde decidiu compartilhar suas memórias em sala de aula. Dentre os feitos do mestre em Comunicação Social estão as inaugurações de várias TV's do Rio Grande do Sul e a primeira transmissão a cores da TV brasileira.

Neste contexto, questiona-se: como os episódios do passado foram percebidos e narrados por um dos protagonistas da história? Quais desses fatos o professor Sérgio Luiz Puggina Reis considera mais relevantes e por quê? Como a história dos meios de comunicação no Brasil afetam a história de vida do profissional?

Como aluna de diversas disciplinas de comunicação social ministrada pelo mestre Sérgio Luiz Puggina Reis, percebi que quando ele narra histórias que vivenciou na rádio e na televisão, faz uma busca a sua memória e conta cada detalhe como se estivesse revivendo os fatos. Neste sentido, construímos duas hipóteses quanto ao problema:

1.1 Objetivos

A seguir são descritos o objetivo geral e os específicos desta pesquisa.

1.1.1 Geral

Investigar a história do rádio e da televisão a partir do cruzamento de pesquisa bibliográfica e a história de vida midiática de uma fonte testemunhal.

1.1.2 Específicos

- Registrar a história do rádio e televisão, conciliando com a trajetória de Sérgio Luiz Puggina Reis, um dos protagonistas desta história;
- Identificar fatos relevantes na história de vida midiática de Sérgio Luiz Puggina Reis;
- Documentar em vídeo o relato de Sérgio Luiz Puggina Reis sobre a história da televisão e do rádio.

1.2 Justificativa

Compreendo que fica repetitivo falar diversas vezes que o professor Sérgio L. P. Reis foi minha fonte testemunhal. Mas o admiro muito e sinto-me extremamente honrada por tê-lo como professor. Fazer parte da geração que conheceu e ouviu muitas das suas histórias de vida é empolgante. Por isso, acredito que é fundamental que a história do rádio e da televisão seja narrada juntamente com as memórias do professor. Desta maneira, outras pessoas terão a oportunidade de “vivenciar” o que venho experienciando desde 2013.

Um resgate de memória da fonte testemunhal narrou o que foi feito e por quem foi feito, destacando as mudanças nas diferentes fases do rádio e da televisão. Portanto, esta pesquisa agregará a minha comunidade profissional, pois é um estudo dos principais acontecimentos destes veículos de comunicação.

Os meios de comunicação estão cada dia mais presentes em nossas vidas e a mídia é praticamente onipresente. Sua influência é inegável. O rádio e a televisão, como os outros meios de comunicação de massa, tornaram-se mais acessíveis a grande maioria da população e constituíram-se numa forma de diversão, companhia, informação e de formação. A importância deles empresta relevância ao estudo.

Por isso entendo que a mídia deve ser analisada como uma dimensão cultural, social, econômica e política, ou seja, deve ser estudada como algo que

contribui para nossa capacidade de compreender melhor o mundo, de produzir e partilhar os seus significados. É preciso estudar o surgimento do rádio e a televisão e os modos como estes meios de comunicação participam da nossa vida social, cultural e contemporânea.

O trabalho delimita-se à história da rádio e da televisão no Brasil a partir da década de 1940 até os anos 2000.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo apresenta-se o procedimento metodológico utilizado para o desenvolvimento deste trabalho. Estão descritos o cunho da abordagem, tipo de pesquisa e tratamento de dados.

2.1 Pesquisa Qualitativa

A pesquisa foi desenvolvida com uma abordagem de cunho qualitativa. Essa abordagem é propícia para o estudo, pois, conforme Goldenberg (1998), ela deve ser utilizada quando há uma preocupação com o aprofundamento do tema pesquisado.

Enquanto os métodos quantitativos supõem uma população de objetos comparáveis, os métodos qualitativos enfatizam as particularidades de um fenômeno em termos de seu significado para o grupo pesquisado. É como um mergulho em profundidade dentro de um grupo "bom para pensar" questões relevantes para o tema estudado (GOLDENBERG, 1998, p. 49 e 50).

Portanto, a pesquisa qualitativa atenta-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, concentrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Goldenberg (1998) explica que pesquisadores deste tipo de abordagem buscam temas exemplares que possam ser significativos da cultura em que estão inseridos.

Para Minayo (1994), a pesquisa qualitativa aborda questões muito particulares, pois ela se preocupa com um universo de significados, crenças, causas, anseios, atitudes e valores, o que corresponde a um espaço aprofundado das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Não há regras que necessitam ser seguidas para a escolha de um tema a ser estudado de maneira aprofundada pelo pesquisador. Isso porque as pessoas vivem também em função de suas crenças, percepções, valores e sentimentos. Suas visões de mundo possuem sempre um sentido, um significado, e por isso a escolha do tema depende diretamente da sensibilidade do pesquisador e não apenas de características objetivas do tema abordado.

Como o estudo buscou investigar a história do rádio e da televisão a partir do cruzamento de pesquisa bibliográfica e a história de vida midiática de uma fonte testemunhal, justifica-se como apropriada a escolha da abordagem qualitativa.

2.2 Tipo de pesquisa

A pesquisa pode ser classificada, quanto aos fins, como exploratória, pois o tema abordou a história de dois meios de comunicação de massa. A trajetória do rádio e da televisão no Brasil já foi narrada em diversos livros, mas este trabalho também utilizou de uma fonte testemunhal, cruzando a pesquisa bibliográfica com a história midiática.

A principal finalidade da pesquisa exploratória é desenvolver, esclarecer e modificar ideias e conceitos, visando a criação de problemas mais claros ou hipóteses pesquisáveis para o estudo (GIL, 2012). Segundo o autor, busca-se proporcionar familiaridade com o problema para torná-lo notável e possibilitar a construção das hipóteses. Seu planejamento é bastante flexível, permitindo a consideração de vários aspectos referentes ao tema. Em sua maioria, os casos contemplam o levantamento de bibliografia, entrevista com pessoas que tiveram

experiências relacionadas ao tema e análise de exemplos que contextualizam a compreensão.

Para ocorrer o cruzamento da pesquisa bibliográfica com a história midiática da fonte testemunhal, entrevistas foram realizadas com a fonte, técnica esta utilizada na coleta de dados. Como se descreveu as características de determinado fenômeno a partir de técnicas padronizadas de coleta de dados, a pesquisa assumiu também a característica de ser descritiva (GIL, 2007).

Para este trabalho foram utilizadas as pesquisas bibliográfica, documental e de campo para dar subsídios ao alcance dos objetivos propostos.

De acordo com Stumpf (2006, p. 51), a pesquisa bibliográfica é:

[...] um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico.

Este tipo de pesquisa é elaborado a partir de revistas, livros, monografias, publicações em periódicos, jornais, teses, boletins, artigos científicos, internet e outros materiais, com o propósito de colocar o pesquisador em contato com teorias disponíveis sobre o assunto (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 55).

A pesquisa documental é muito parecida com a bibliográfica. A diferença entre elas está na origem das fontes. A pesquisa bibliográfica utiliza-se de materiais de contribuições autorais sobre determinado tema. Já a pesquisa documental explora materiais que ainda não receberam um tratamento analítico, como registros, fotografias, filmes, gravações, relatórios, diários, jornais e anais, ou seja, documentos públicos ou privados de qualquer natureza.

De acordo com Moreira (2008), “[...] o recurso da análise documental costuma ser utilizado no resgate da história de meios de comunicação, personagens ou períodos”. Para esta pesquisa, foram analisados materiais disponibilizados pela fonte testemunhal que registram sua história de vida midiática.

Segundo Gil (2002), a pesquisa documental apresenta muitas vantagens. Os documentos são fonte rica e estável de dados, com baixo custo, exigindo apenas, em sua maioria, a disponibilidade de tempo, além de não necessitar contato com os sujeitos. Algumas pesquisas elaboradas com base em documentos são importantes não porque respondem definitivamente a um problema, mas porque proporcionam melhor visão dele ou hipóteses que conduzem a sua verificação por outros meios. Este estudo teve como contribuição gerar um produto audiovisual, explorando-se o gênero documentário que poderá servir como um documento histórico-midiático.

Como a base é uma fonte testemunhal, também se enquadra como pesquisa de campo, a qual consiste em buscar respostas para questões da pesquisa por meio de um “recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação” (MINAYO, 1994, p. 53).

Duarte (2002) escreve que uma pesquisa de campo é uma busca feita por um pesquisador que se dirige a locais já conhecidos por muitos, mas com uma maneira diferente de olhar e pensar determinada realidade, a qual parte da experiência e da apropriação do conhecimento, que são muito pessoais.

A pesquisa de campo consiste na “[...] observação dos fatos como eles ocorrem na realidade e os dados que coleta, que podem ser obtidos de diferentes formas, através de entrevistas, questionários, consultas, depoimentos e registros de ocorrências de determinados fenômenos (BARROS; LEHFELD, 2000, p. 90).

A pesquisa é do tipo não probabilística por tipicidade e acessibilidade, pois foi selecionado um informante com características que possibilitaram aprofundar o conhecimento histórico em televisão e rádio. No caso desta pesquisa, uma fonte testemunhal que viveu o auge dos anos do rádio e da TV foi escolhida para narrar sua história de vida midiática.

São muitas as estratégias de coleta de dados na pesquisa de campo e, dentre elas, a história oral ocupa um lugar de destaque, sendo muito utilizada nas ciências

humanas, pois se coloca no ponto em que se cruzam a vida individual dos sujeitos e seu contexto social.

A importância da história oral está na valorização da subjetividade de fontes orais que revela sentimentos, significados, simbolismos e até a imaginação. A riqueza de uma pesquisa com esta metodologia está na ênfase atribuída aos sujeitos da pesquisa.

Optou-se, então, por “ouvir” uma fonte testemunhal, adotando a história oral como principal estratégia metodológica. Os relatos do sujeito sobre os eventos, acontecimentos, pessoas e lugares revelam suas percepções, sentimentos, atitudes, valores e visões de mundo, bem como expressam o espírito e o sentimento de terem estado presentes nos acontecimentos históricos.

Thompson (1992, p. 137) escreve que “a evidência oral, transformando os ‘objetos’ de pesquisa em ‘sujeitos’, contribui para uma informação que não é só mais rica, mais viva e mais comovente, como também mais verdadeira”, pois são os sujeitos que dão forma e conteúdo às narrativas, à medida que interpretam suas próprias experiências e o mundo no qual elas são vividas.

As entrevistas realizadas com o jornalista e professor Sérgio Luiz Puggina Reis buscaram conhecer mais sobre os meios de comunicação de massa e também a sua trajetória como profissional. Os depoimentos da fonte testemunhal auxiliaram na elaboração de um trabalho de reconstrução de memória. Isto porque, segundo Alberti (2004, p. 19), as entrevistas de história oral “têm valor de documento, e sua interpretação tem a função de descobrir o que documentam”, já que se privilegia a recuperação do vivido, a partir das formas interpretativas e da reconstrução da memória de quem o viveu.

Optou-se pela entrevista aberta em profundidade como principal instrumento de coleta de informações com o objetivo de investigar junto à fonte testemunhal, a partir da década de 1940 até os anos 2000, como os fatos do passado são percebidos e narrados por um dos protagonistas da história, bem como quais desses fatos ele considera mais relevantes, porque e como a história dos meios de

comunicação no Brasil afeta a história de vida do profissional. Além do mais, a entrevista aberta, segundo Lüdke e André (1986), permite uma maior interatividade com os sujeitos da pesquisa, pois consiste num diálogo entre pesquisador e o sujeito participante.

A técnica da entrevista individual em profundidade:

[...] explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las de forma estruturada. Entre as principais qualidades dessa abordagem está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas (DUARTE, 2008, p. 63).

A capacidade de aprofundar o assunto a partir das respostas torna esse tipo de entrevista muito rica em descobertas. Ela é essencialmente exploratória, permissiva e flexível. E para que seja bem-sucedida, depende fortemente da criação de uma atmosfera amistosa e de confiança entre pesquisador e pesquisado (GOLDENBERG, 2008).

2.3 Tratamento de dados

Para o tratamento de dados, baseou-se na proposta de Moraes. Segundo ele uma análise textual “envolve identificar e isolar enunciados dos materiais a ela submetidos, categorizar esses enunciados e produzir textos, integrando nestes descrição e interpretação [...]” (MORAES, 2007, p. 89).

Desta maneira, o processo da análise inclui as seguintes etapas: 1 - Preparação das informações; 2 - Unitarização ou transformação do conteúdo em unidades; 3 - Categorização ou classificação das unidades em categorias; 4 – Descrição; e 5 - Interpretação. Essas precisam ser necessariamente precedidas das definições normais que acompanham um projeto de pesquisa, quais sejam explicitar um problema, estabelecer claramente os objetivos da pesquisa e, a partir disso, reunir os dados previstos pelo projeto.

A análise textual aconteceu com a utilização dos livros que narram a história da rádio e televisão. As entrevistas realizadas com a fonte testemunhal foram gravadas e estes registros transcritos.

Para Moraes (2007, P. 87), a análise textual “[...] pode ser entendida como um processo de desconstrução, seguida de reconstrução, de um conjunto de materiais linguísticos e discursivos, produzindo-se, a partir disso, novos entendimentos sobre os fenômenos e discursos investigativos”.

A partir da leitura e análise, os materiais foram unitarizados e na sequência categorizados.

A definição de análise depende dos objetos da pesquisa, do objeto de investigação. Essas unidades podem ter dimensões e amplitudes variadas, resultando em maior ou menos fragmentação dos textos. Podem ser palavras, frases, parágrafos ou mesmo fragmentos de texto ainda menores. (MORAES, 2007, p. 89).

Nesse processo há divisão de um todo em partes para reconstruir uma melhor compreensão, podendo assim ocorrer perda de informações existentes. A desconstrução auxilia o pesquisador a perceber o que é relevante.

De acordo com Moraes (2007, P. 90), “somente necessitam ser ‘unitarizadas’ informações dos textos do corpus que sejam válidas ou pertinentes”. Já a categorização se dá através da produção de uma ordem por meio da qual se consegue uma compreensão e explicação dos fenômenos investigados.

Cada categoria é um conjunto de unidades de análise que se organiza a partir de algum aspecto de semelhança que as aproxima. [...], são subconjuntos de um todo maior, caracterizando-se cada um deles por determinadas propriedades específicas (MORAES, 2007, p. 91).

Há categorias a priori e emergentes. Na primeira opção, elas são derivadas de pressupostos teóricos, sejam eles explícitos ou implícitos. Essa maneira de trabalhar é mais fácil de conduzir, mas a tendência é de que o pesquisador enxergue apenas significados que se enquadram nas categorias já determinadas. (MORAES, 2007). No caso das emergentes, o pesquisador deixa que os fenômenos se

manifestem. Assim, nesta pesquisa definiu-se as décadas como categorias de análise a priori e, a partir daí, iniciou-se as análises.

[...], análises textuais integram análise e síntese. Na primeira, fragmentam-se os textos a ela submetidos. Na síntese os elementos semelhantes são reintegrados em categorias, apresentando-se, a partir delas, novos textos que reúnem os aspectos essenciais dos materiais de análises investigados. (MORAES, 2007, p. 87).

Moraes (2007, p. 95) afirma que uma boa análise textual qualitativa:

[...] é um processo de aprendizagem sobre os fenômenos analisados. Só se escreve com clareza sobre temas que se compreende com clareza. Essa clareza, geralmente, não está presente no início do trabalho, mas é construída no próprio processo da análise. Aprender e escrever são processos que correm paralelamente.

Foi este o exercício que se possibilitou à autora neste trabalho de conclusão de curso.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Para abordar a fundamentação teórica, neste capítulo são apresentados os principais conceitos de autores, bem como da fonte testemunhal, sobre os marcos na história mundial e brasileira que levaram ao surgimento do rádio e da televisão. Também é descrita a linha do tempo com a evolução desses veículos de comunicação.

3.1 Marcos da história mundial

As formas de comunicação dos antepassados estão baseadas na oralidade das gerações que os sucederam, seus símbolos e mensagens que serviram para testemunhar a existência do ser humano e transmitir o seu conhecimento.

Desde os tempos pré-históricos, a própria natureza ofereceu ao homem possibilidades e materiais em abundância para fazer seus registros: pedra, areia, barro, madeira, casca e folha de árvore (MILANESI, 2002). Segundo Sousa (2004), o homem sempre teve a necessidade de procurar formas de comunicar aos seus semelhantes suas descobertas e as histórias socialmente relevantes de que tinham conhecimento.

A partir do surgimento da escrita, diversas grandes invenções foram criadas para aprimorar a comunicação. Na contemporaneidade a utilização de meios de

comunicação de massa como o rádio e a televisão foram e continuam sendo determinantes para novos desenvolvimentos e novas propostas de divulgação da informação.

3.1.1 Surgimento do rádio no mundo

A construção do rádio começou em 1831, com a descoberta de Michael Faraday da indução magnética, ou seja, um fenômeno que faz com que um campo produza em um circuito elétrico uma corrente induzida. Posteriormente, a existência das ondas eletromagnéticas foi descoberta matematicamente por James Maxwell. Estas e outras descobertas vão ser necessárias para a transição radiofônica no século XX (CAVALCANTE; CARVALHO; ARANTES, 2011).

Foi relevante a descoberta de Thomas A. Edison em 1880, o qual colocou em uma ampulheta de cristal um filamento e uma placa de metal separada entre si. Ao ligar o filamento ao negativo e uma bateria, e a placa ao positivo, ele constatou a passagem de uma corrente elétrica da placa para o filamento e nunca em sentido contrário (CAVALCANTE; CARVALHO; ARANTES, 2011).

Outra descoberta foi dada pelo professor alemão Henrich Rudolph Hertz que comprovou, em 1884, a existência das ondas eletromagnéticas, chamadas hoje de “ondas de rádio”. Hertz demonstrou com essa experiência que as ondas eletromagnéticas têm a mesma velocidade que as ondas de luz. Em sua homenagem, as ondas de rádio passaram a ser chamadas de “Ondas Hertzianas”, usando-se também o “Hertz” como unidade de frequência (CAVALCANTE; CARVALHO; ARANTES, 2011).

Mais tarde, em 1893, o padre, cientista e engenheiro gaúcho, Roberto Landell de Moura, testa a primeira transmissão de fala por ondas eletromagnéticas sem fio. Devido a esse fato, em 11 de março de 1905 a Marinha brasileira realizou diversos testes de mensagens telegráficas no navio de guerra Aquidaban. Porém, o mundo reconhece como o “descobridor do rádio” o cientista Guglielmo Marconi. Natural de Bolonha, Itália, Marconi realizou, em 1895, testes de transmissão de sinais sem fio,

pela distância de 400 metros e depois pela distância de dois quilômetros. Descobriu também o princípio do funcionamento da antena. Em 1896, Marconi adquiriu a patente da invenção do rádio, enquanto Landell só conseguiria obter para si a patente no ano de 1900 (CAVALCANTE; CARVALHO; ARANTES, 2011).

A primeira transmissão radiofônica foi realizada no ano de 1906 por Lee de Forest, nos Estados Unidos. Na América Latina, a primeira transmissão foi na Argentina, em agosto de 1920. O médico Enrique Telémaco e três amigos conseguiram transmitir direto do Teatro Coliseo, em Buenos Aires, a ópera “*Parsifal*”, dando início também à primeira emissora do país, a L.O.R Rádio Argentina (CAVALCANTE; CARVALHO; ARANTES, 2011).

Logo após, no ano de 1921, surgiu no México a primeira emissora. No ano seguinte, o presidente do país, Álvaro Obregón, incentivou a instalação de emissoras privadas com a ideia de “integrar o país”. Em 1922, o rádio surge no Brasil na comemoração do centenário da Independência do país e inauguração da radiotelefonía brasileira (CAVALCANTE; CARVALHO; ARANTES, 2011).

Na Venezuela, a primeira estação surgiu no ano de 1926 e ficou conhecida como Ayre. A emissora começou a operar durante a ditadura de Juan Vicente Gómez, dirigida pelo coronel Arturo Santana, que recebeu do governo Venezuelano permissão para explorar a estação (FELIPE, 2013).

A Colômbia, apesar de ser um país rural, também foi um dos primeiros países a integrar o rádio. Houve algumas transmissões em Barranquilla, mas considera-se que a primeira rádio do país foi a estatal HJN, criada pelo governo de Miguel Abadía Méndez, em 1929. A emissora tinha vínculo com o Ministério da Educação e promovia uma programação que intercalava música clássica e notícias. A estação serviu também como reforço da unidade do governo central e para manter o país unido durante a época de conflitos com o Peru (FELIPE, 2013).

Na Europa foram implantadas várias empresas de grande porte, entre as quais a italiana *Radiotelevisione Italiana* (RAI), em 1924; a inglesa British

Broadcasting Corporation (BBC), em 1927; e a francesa *Radio France Internationale* (RFI), em 1931 (FELIPE, 2013).

Em Portugal, as primeiras emissoras apareceram em 1924 e pertenciam a grandes comerciantes, gestores de hotelaria e militares, chamados amadores da rádio. A programação era voltada à música clássica. Em 1931 houve o aparecimento da primeira estação moderna, a Rádio Clube Português, liderada por Jorge Botelho Moniz, tendo sua programação focada na música popular. Em 1937 ocorreram as primeiras emissões da Rádio Renascença que era ligada à Igreja Católica. Nos anos 1980, surgiu a rádio TSF, especializada em informação, principalmente no campo da política, sendo a primeira rádio informativa do país (FELIPE, 2013).

Na Espanha, as primeiras emissoras também começaram a aparecer no ano de 1924. Pouco a pouco, o número de estações de rádio foram aumentando até cobrir todo território. No início, as emissoras transmitiam alguns acontecimentos, mas logo a programação foi enriquecendo e apareceram boletins de notícias locais, nacionais e internacionais, primeiramente transmitidos pela Rádio União, em 1925 (FELIPE, 2013).

Foi montada em 1921, na Rússia, uma potente emissora, com o intuito de transmitir durante algumas horas por dia o programa chamado “O Jornal Falado da Agência de Telégrafos Russa”, que apresentava em sua programação notícias e propagandas (FELIPE, 2013).

Na América do Norte, as companhias como a *Westinghouse* e *General Electric* montaram estações de rádio, primordialmente, para promover seus produtos aos consumidores. Estas empresas foram logo seguidas por um grande número de estações de rádio difusão domésticas, tais como a NBC (*National Broadcasting Corporation*) e CBS (*Columbia Broadcast System*), enquanto o governo dos EUA se colocou à parte de qualquer envolvimento com a rádio difusão internacional. A emissora KDKA de Pittsburgh, na Pensilvânia, foi a primeira emissora a transmitir programas de entretenimento e notícias ao público, pois foi a pioneira na obtenção da licença para tal ato (FELIPE, 2013).

3.1.2 Surgimento da televisão no mundo

O barão, médico, químico e professor do Instituto Médico-Cirúrgico de Estocolmo (1815 – 1822), Jöns Jacob Berzelius, nascido em Väfversunda Sörgard, próximo a Linköping, descobridor do efeito de catálise e das substâncias catalisadoras (1815), inventor dos símbolos químicos e considerado um dos fundadores da química moderna, descobriu o selênio em 1817 (REIS, 2012). A televisão se tornou possível graças à descoberta deste elemento, que Berzelius descreveu como sem utilidade prática, identificando-o como *selenium* por se assemelhar à luminosidade lunar (REIS, 2012).

O selênio de Berzelius foi encontrado setenta anos depois pelo inglês Willoughby Smith, o qual descobriu que o elemento químico possuía fotossensibilidade “que desprendia elétrons quando exposto à luz, transformando a energia luminosa em força elétrica. Surgia uma utilidade prática para a descoberta de Berzelius” (CASTRO, 2000 apud REIS, 2012, p. 16).

Uma descoberta científica é raramente fruto de um trabalho isolado. Diversos pesquisadores, com objetivos parecidos, trabalham por diferentes caminhos em projetos semelhantes. Muitas vezes uma descoberta é atribuída a um único cientista, quando na verdade, o resultado é fruto da soma do trabalho de muitos pesquisadores. Foi isso que aconteceu com a televisão por mais de um século (REIS, 2012).

Os efeitos das cargas elétricas no vácuo foram descobertos quase ao mesmo tempo por três grandes pesquisadores, o alemão Heinrich Geissler, o inglês William Crookes e o norte-americano Thomas Alva Edison (REIS, 2012).

Em 1884, o alemão, técnico e inventor, Paul Julius Gottlieb Nipkow, ficou mundialmente conhecido por ter inventado o Disco de Nipkow, um *scanning disc* (disco de escaneamento). Nipkow propagou uma imagem em movimento, com os impulsos elétricos em uma célula de selênio. A criação foi o primeiro sistema de televisão eletromecânica (REIS, 2012).

Segundo Mattos (2002 p. 164 apud REIS, 2012, p. 17), “[...] em 1897, outro alemão, K. F. Braun, desenvolveu o tubo de vidro a vácuo, invento que viabilizou a televisão eletrônica. Já neste século, em 1906, a válvula de três polos foi patenteada pelo norte-americano Lee de Forest”.

Ainda em 1884, o alemão Heinrich Hertz provou a existência de ondas eletromagnéticas, denominadas de ondas hertzianas. É por essas ondas que trafegam os sinais de rádio e televisão. Na rádio as ondas sonoras são codificadas através do microfone com impulsos eletromagnéticos; enquanto na televisão os impulsos luminosos são codificados pela câmera em impulsos eletromagnéticos. Estes impulsos são os sinais de rádio e de televisão (REIS, 2012).

Em 1900, Constantin Perskyi criou a palavra “televisão”, derivada das palavras “tele” (que em grego significa longe) e “videre” (que em latim significa ver), que em tese seria um aparelho que teria a capacidade de transmitir imagens à distância (CASTRO, 2000).

O professor Boris Rosling e seu aluno Wladimir Zworykin inventaram, em 1909, no Instituto de Petrogrado, na Rússia, o primeiro tubo de raio catódico de reprodução de imagens. De acordo com Mattos (2002), em 1913, outros cientistas alemães conseguiram substituir o selênio da célula fotoelétrica por outro elemento. Esse, derivado do potássio, dá maior sensibilidade à célula, facilitando o aumento da velocidade de transmissão de linhas (REIS, 2012).

Experiências americanas constataram, em 1917, que variando a carga de energia era possível modular a luz. Descoberta essa utilizada nas experiências com a televisão eletromecânica, em 1923, pelo escocês John Logie Baird e pelo norte-americano Charles Francis Jenkins (REIS, 2012).

Neste mesmo ano, imigrante nos Estados Unidos e trabalhando para a Westinghouse, onde reiniciara seus estudos e experiências, Wladimir Zworykin cria uma válvula emissora de raios, o iconoscópio (REIS, 2012). “Poucos anos depois, transferiu-se para a RCA (*Radio Corporation of America*), onde ampliou seus horizontes, colocando a empresa na dianteira das pesquisas, ao projetar e produzir,

com sucesso, nos anos 1940, o novo tubo de imagens, o orticon” (REIS, 2012, p. 18).

Os Estados Unidos se esforçou bastante e avançou muito na busca da televisão, mas John Logie Baird, em Londres, é apontado em todos os registros como o responsável pelas primeiras demonstrações de imagens de rostos humanos com tonalidades de luz e sombra, em 1926 (REIS, 2012).

Para Castro, a década de 1930 foi muito favorável para os cientistas trabalharem e obterem resultados positivos. Nos Estados Unidos, a RCA, com sua emissora de Nova Iorque, a NBC e a CBS, como competidoras diretas, dedicaram-se a buscar uma solução definitiva. “David Sarnoff, presidente da RCA (*Radio Corporation of America*), que prestigiara Wladimir Zworykin, cientista russo, comemorou as vantagens geradas pelos inventos de Zworykin: o cinescópio e o tubo iconoscópio” (REIS, 2012, p. 19). Feliz com essas descobertas, Sarnoff anunciou: “A televisão nos lares já é praticamente possível” (CASTRO, 2000).

Segundo Castro (apud Reis, 2012) em 1936, a BBC de Londres já mantinha no ar duas horas diárias de programação regular de televisão. As transmissões foram interrompidas no fim de 1939, com a Segunda Guerra Mundial.

Sob o patrocínio do Departamento Nacional de Propaganda, em uma promoção da Repartição de Correios do III Reich, técnicos da Alemanha viajaram pelo mundo, em 1938, para promover suas novas pesquisas científicas. No Brasil, suas equipes vieram até a Feira Internacional do Rio de Janeiro, no Calabouço, onde hoje está o Aeroporto Santos Dumont, e fizeram demonstrações de televisão em circuito fechado (CASTRO, 2000).

[...] em abril de 1939, os Estados Unidos realiza a Feira Mundial em Nova Iorque, marco inicial para que a NBC – propriedade da RCA – e sua concorrente, CBS, comesçassem a era da televisão americana. Paralelamente, França, Alemanha, Inglaterra e Itália também trabalhavam para implantar este veículo eletrônico (REIS, 2012, p. 19).

Em setembro de 1939, algumas pesquisas mundiais sobre televisão sofrem uma interrupção com a invasão da Polônia pelos exércitos alemães no início da

Segunda Guerra Mundial. Sendo assim, as pesquisas dos europeus só foram retomadas com o fim da guerra, em 1945 (REIS, 2012).

Entrando dois anos mais tarde na guerra mundial, em quatro de dezembro de 1941, após o ataque japonês a Pearl Harbour, os Estados Unidos conseguiu evoluir com as pesquisas da televisão (REIS, 2012). No final de 1939,

[...] a RCA fez uma exibição pública de sua nova câmera, transmitindo uma partida de beisebol, na área de Nova Iorque; em 1940, a FCC – *Federal Communications Commission* – órgão de controle dos meios e veículos de comunicação, nos Estados Unidos, reconheceu oficialmente a televisão e baixou as primeiras normas legais, adotando o padrão de transmissão de 525 linhas por quadro, com alimentação de 60 ciclos e 30 quadros por segundo, o denominado padrão M (REIS, 2012. p. 20).

A televisão americana dá importantes passos legais e amplia suas atividades em transmissões externas e em suas normas de comercialização. A NBC apresenta à FCC – *Federal Communications Commission*, um plano de cobertura de costa a costa, através de repetidoras. O plano foi aprovado, mas só seria posto em atividade depois de 1945 (CASTRO apud REIS, 2012).

A televisão sofre uma diminuição de velocidade em seu processo de crescimento em 1942, com a entrada efetiva dos Estados Unidos na guerra e o direcionamento de todas as atividades para o esforço bélico americano (REIS, 2012).

Em 1945, com o término da guerra, a televisão recomeça a ocupar seu espaço. A Europa, que em todos os países do continente encarava um difícil processo de reconstrução, também avançou em suas pesquisas. Com equipamento instalado na Torre Eiffel, a França, em junho de 1946, volta a transmitir televisão depois de sete anos fora do ar, mostrando o desfile do primeiro aniversário da vitória na guerra. Assim, dava seus primeiros passos a nova rede de televisão norte-americana, a ABC – *American Broadcasting Company* (REIS, 2012).

De acordo com Reis (2012):

A RCA apresenta receptores de televisão de 18 e de 24 polegadas, uma enormidade, se comparados aos anteriores, de 8 e 12 polegadas. Entra em funcionamento o invento de Zworykin, o eficiente tubo de imagem orticon, com maior vida útil e que funcionava com menor iluminação, apresentando melhor resolução nas imagens da época, todas em preto e branco (REIS, 2013, p. 20).

Em 1946, nos Estados Unidos, as emissoras NBC e a CBS já começavam as discussões sobre o sistema a cores que deveria ser adotado, apesar de as transmissões em preto e branco atenderem à demanda do público (REIS, 2012).

Países europeus, neste mesmo período, apresentam um comportamento diferente, não alterando sua forma de ver e fazer televisão. De acordo com Reis:

Eles entendem que o veículo televisão, por sua importância e influência política, deve ser estatal, sendo sustentado através de taxas pagas pelos proprietários dos receptores. Nos Estados Unidos, mantém-se a iniciativa privada e a comercialização através de patrocinadores de programas, como era desde seu início (REIS, 2012, p. 20 e 21).

Agora alto executivo da RCA, numa iniciativa privada, Wladimir Zworykin vem ao Brasil em 1950 para acompanhar o lançamento da TV Tupi, em São Paulo, primeira emissora da América Latina (REIS, 2012).

3.2 Marcos na história brasileira

A seguir são descritos os acontecimentos que levaram ao surgimento do rádios e a televisão no Brasil.

3.2.1 Surgimento do rádio no Brasil

O rádio finalmente chegou ao Brasil após diversas experiências. A apresentação do veículo de comunicação à sociedade brasileira, de acordo com Calabre (apud MENEGUEL; OLIVEIRA, 2009) ocorreu em um momento em que o país almejava por modernização e pelo rompimento definitivo com o passado.

O Morro do Castelo, localizado no Rio de Janeiro e conhecido por abrigar marcos históricos de grande importância, foi derrubado durante uma reforma urbanística no início da década de 1920. Em seu lugar foram construídos pavilhões que abrigaram a exposição em comemoração ao Centenário da Independência (MENEGUEL; OLIVEIRA, 2009).

Durante esta exposição, em sete de setembro de 1922, visitantes e cidadãos presenciaram a primeira demonstração pública de transmissão de rádio no Brasil. As pessoas presentes ouviram a fala do presidente Epitácio Pessoa, além de trechos da Ópera O Guarany, de Carlos Gomes, do Teatro Municipal, onde estava sendo executada (MENEGUEL; OLIVEIRA, 2009). A transmissão radiofônica, apesar de acompanhada de diversos ruídos, despertou a curiosidade e causou certo espanto aos que tiveram a oportunidade de escutá-la (MENEGUEL; OLIVEIRA, 2009).

Acompanhando tudo e entusiasmado com as transmissões e inovações, o médico, pesquisador, escritor e antropólogo Edgar Roquette Pinto, convenceu a Academia Brasileira de Ciências a patrocinar a criação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que viria a ser a PRA-2, de propriedade de Pinto e do cientista Henrique Morize (MENEGUEL; OLIVEIRA, 2009). No entanto, somente em 30 de abril de 1923 a rádio começou a operar, com um transmissor doado pela Casa Peka, de Buenos Aires, instalado na Escola Politécnica na então capital federal (CASTRO, 2000).

As primeiras emissoras eram clubes ou sociedades de amigos, em geral nascidas da união de curiosos encantados com a novidade e tinham como objetivo difundir a cultura e promover a integração nacional. Por essa razão, as primeiras rádios criadas levavam a denominação de “Rádio Sociedade” (MENEGUEL; OLIVEIRA, 2009).

Membro da Academia Nacional de Medicina, da Academia Brasileira de Letras e também fundador do Instituto Nacional de Cinema Educativo, Roquette Pinto, juntamente com o presidente da Academia Brasileira de Ciência, Henrique Morize, defendia a necessidade de levar cultura e educação a todos os brasileiros e viam o rádio como instrumento para potencializar o país. A ideia foi aceita por

diversos intelectuais que contribuíam com palestras e entrevistas (MENEGUEL; OLIVEIRA, 2009).

Em sua primeira fase, o rádio se preocupava em levar cultura e educação à população. Mesmo o rádio comercial passando a se destacar, diversas emissoras continuaram com esta ideia (MENEGUEL; OLIVEIRA, 2009).

Em 1936, com a promessa de manter estes ideais na programação, Roquette Pinto doou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro ao Ministério da Educação e Cultura, dando início ao sistema de Rádios Educativas no Brasil (MENEGUEL; OLIVEIRA, 2009).

Quando surgiu, na década de 1920, o rádio era ligado à alta sociedade devido ao estilo de sua programação: óperas, conferências e músicas clássicas que agradavam à elite, não atingindo as camadas populares (MENEGUEL; OLIVEIRA, 2009).

A Rádio Sociedade Rio de Janeiro desenvolvia programas voltados à formação dos ouvintes, por meio de cursos: aulas, conferências e palestras. Literatura, lições de português, história, geografia e outras faziam parte das transmissões radiofônicas. Muitos intelectuais, em visita ao Rio de Janeiro, eram convidados a participar, tornando evidente a preocupação com a divulgação do conhecimento. Porém, apesar dos esforços de Roquette Pinto em oferecer uma programação educativa popular para a maioria da população, o rádio continuou refletindo um nível cultural de elite (MOREIRA, 991 apud MENEGUEL; OLIVEIRA, 2009, p. 05).

Segundo Oliveira (apud MENEGUEL; OLIVEIRA 2009), em 1930, havia cerca de 16 emissoras de rádio funcionando no sistema de sociedade. Para receber o som, o associado pagava uma mensalidade. Inicialmente a escuta era individual, por meio de um fone de ouvido, mas logo em seguida se tornou coletiva. Com esta possibilidade, as pessoas se interessaram mais pelo veículo de comunicação, dando início ao seu processo de popularização.

Para criar uma rádio nesta época, era necessário formar uma rádio-sociedade, na qual o estatuto determinava que houvesse associados que colaborassem com certa quantia mensal. Como os associados não eram muito fiéis aos pagamentos, e sendo esta, às vezes, a única fonte de renda das emissoras,

elas acabavam passando por dificuldades financeiras (MENEGUEL; OLIVEIRA, 2009).

Era muito comum neste período locutores solicitarem aos ouvintes que se inscrevessem como sócios e que contribuíssem emprestando ou doando seus discos para que pudessem realizar a programação. E sempre ao anunciar uma música, o locutor agradecia às pessoas que tinham cedido o disco. Neste sistema de sociedade, a programação atendia à elite da sociedade e refletia seus interesses, pois era ela que mantinha a emissora no ar, já que era praticamente a única classe que conseguia adquirir um aparelho (MENEGUEL; OLIVEIRA, 2009).

Na década de 1930, essa situação começou a ser alterada. Antonio Nássara, compositor e cartunista, improvisou um fado que fazia propaganda de uma padaria em Botafogo, no Rio de Janeiro, e pode ser considerado o primeiro jingle do rádio. O texto dizia: “seu padeiro não esqueça, tenha sempre na lembrança: o melhor pão é o da Padaria Bragança” (MOREIRA, 1991 *apud* MENEGUEL; OLIVEIRA, 2009, 08).

Uma legislação que atribuía ao governo o controle sobre o rádio foi criada por Getúlio Vargas e os vitoriosos da “Revolução” de 1930. Em 1931, uma Comissão Técnica de Rádio foi criada, tendo o presidente direito de nomear os integrantes. Desta maneira, o caminho para a formação de uma rede nacional controlada pelo Ministério da Educação e Saúde, que garantia ao governo a exclusividade para autorizar particulares a criarem novas emissoras, estava aberto. As concessões poderiam ser cassadas a qualquer maneira, pois eram feitas a título precário. O rádio, mesmo sendo um veículo de comunicação privado, passou a ser controlado pelo Estado (MENEGUEL; OLIVEIRA, 2009).

Em 1932 foi autorizada a veiculação de propagandas no rádio, fazendo com que o veículo de comunicação, tido como erudito, instrutivo e cultural, se transformasse em popular, meio de lazer e diversão. Apesar de gerar grande desgosto e reclamações devido ao desvio da sua função educativa, o rádio passou a ocupar um lugar de destaque nas casas da população brasileira. A população “esclarecida”, que tinha o rádio como símbolo de status e erudição, reclamou inúmeras vezes e ficou inconformada com a sua popularização. O veículo de comunicação se tornou tão importante e capaz de influenciar a vida das pessoas

que o rádio passou a formar hábitos de consumo e comportamentos (MENEGUEL; OLIVEIRA, 2009).

Em Porto Alegre, a Rádio Farroupilha é fundada em 24 de julho de 1935. De propriedade do General Flores da Cunha, a emissora, teve nos seus primeiros anos Arnaldo Balve como administrador. Em 1936, é criada a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, que iniciou seu funcionamento como emissora comercial. Quatro anos depois, ela foi estatizada, mas continuou atuando como emissora comercial (PRADO, 2012).

A Lei nº 385, assinada por Getúlio Vargas em 1937, obrigava que atividades artísticas fossem incluídas em todas as programações musicais e obras de autores brasileiros natos (PRADO, 2012). No período de 1930 a 1937, 43 emissoras foram fundadas, levando a legislação de 1931 e 1932 a consolidar e profissionalizar o rádio brasileiro. Os Decretos nº 20.047 de 27/05/1931 e nº 21.111, de 1º/03/1932 fixaram uma conjuntura favorável ao rádio, pondo fim ao seu período experimental e amadorístico (MENEGUEL; OLIVEIRA, 2009).

O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) foi criado pelo governo em dezembro de 1939. O DIP era diretamente subordinado à presidência da república e tinha como principais funções centralizar, coordenar, orientar e superintender a propaganda nacional, interna ou externa. Cabia ao DIP censurar o cinema, o teatro, eventos esportivos e recreativos, da imprensa e literatura, além da radiodifusão. Também promovia organizações cívicas e levava ao conhecimento da população os feitos do governo. O DIP exercia forte censura, utilizando diversos meios para construir uma ideologia. Substituir caricaturas do presidente por imagens, distribuir cartilhas para crianças, usar jornais e filmes são alguns exemplos utilizados para exaltar a figura de Vargas (MENEGUEL; OLIVEIRA, 2009).

Novas empresas jornalísticas só poderiam ser criadas se tivessem registro no DIP. Desta maneira, elas não possuíam nenhuma independência em sua programação. A imprensa foi o setor mais atingido pelo controle do departamento (MENEGUEL; OLIVEIRA, 2009).

A legislação de 1932 previa a transmissão de um programa chamado Hora Nacional. Com duração de uma hora, o programa abordava diversos assuntos, como política, religião, economia, arte, ciência e sociedade em geral. As emissoras de todo país eram obrigadas a transmitir a Hora Nacional e alguns veículos que se posicionaram contra, preferiram ficar fora do ar durante a transmissão da mesma (MENEGUEL; OLIVEIRA, 2009).

O DIP tinha a tarefa de elaborar material de propaganda governamental, inspecionar e controlar o cumprimento da legislação referente às atividades culturais e censurar os programas que não estavam de acordo com a ideologia do Estado. A Hora Nacional, que atualmente é conhecida como Hora do Brasil, tinha por objetivo divulgar as mensagens e os atos oficiais, informações, cultura, conquistas do ser humano, as belezas naturais do país e o civismo; incentivar as relações comerciais e a integração na coletividade nacional; e, além disso, exaltava o patriotismo (MENEGUEL; OLIVEIRA, 2009).

3.2.2 Surgimento da televisão no Brasil

Com grande repercussão nos Estados Unidos e Europa, a televisão despertou interesse dos brasileiros, mas somente na década de 1950 que o empresário brasileiro Francisco Assis Chateaubriand Bandeira de Melo instalou a primeira emissora de televisão em São Paulo, no Brasil.

3.3 Linha do tempo

Nesta seção é apresentada, em ordem cronológica, a evolução do rádio e da televisão desde 1940 até os tempos atuais.

3.3.1 Década de 1940

3.3.1.1 Rádio

O governo de Getúlio Vargas tomou posse da Rádio Nacional do Rio de Janeiro. A emissora predominou durante a “Época de Ouro” da radiofonia brasileira e foi convertida na rádio padrão do país (MENEGUEL; OLIVEIRA, 2009).

A Rádio Nacional revelou nomes como José Vasconcelos, Luís Gonzaga e o locutor César de Alencar. De 1940 a 1945, apesar da 2ª Guerra Mundial e do DIP, o veículo conseguiu progredir de forma considerável graças aos recursos que possuía (MENEGUEL; OLIVEIRA, 2009).

Inaugurada em 1936, a Rádio Nacional tinha como órgãos de divulgação o jornal “A Noite” e as revistas “A Noite Ilustrada” e “Carioca”. Em 1940, a Nacional foi anexada às Empresas Incorporadas ao Patrimônio Nacional, e assumiu o primeiro lugar entre todas as rádios do Brasil, mantendo-se em destaque por mais de 20 anos (PRADO, 2012, p. 114).

Para Reis, o rádio foi essencial em termos de comunicação durante a guerra. Ele explica que na época não se sabia se o veículo seria de entretenimento ou noticioso, pois era recente. A definição aconteceu quando se sentiu a necessidade de se informar os acontecimentos da guerra. As pessoas queriam se manter informadas e o jornal, veículo de comunicação utilizado na época, não conseguia publicar as notícias atualizadas, já que a situação mudava muito rapidamente (REIS, 2017).

O “Repórter Esso”, primeira síntese noticiosa do Brasil, teve sua primeira edição transmitida em 1941 pela Rádio Nacional. O programa implantou padrões estilísticos do jornalismo de rádio: o lide, a objetividade, a exatidão, o texto sucinto, a pontualidade, a noção do tempo exato de cada notícia, a impressão de imparcialidade e a contraposição aos padrões dos jornais da época (KLOCKNER, 2001, p. 1 apud PRADO, 2012, p. 120).

Segundo Reis (2017), o Repórter Esso surgiu com uma proposta revolucionária. “Uma proposta de noticiário de cinco minutos, roteiros praticamente prontos, locutor e redatores exclusivos. Era um jornal ímpar [...] e revolucionou o rádio”.

O ano de 1941 também foi marcado pela primeira transmissão de uma radionovela no país. Em 12 de julho estreou a novela cubana “Em busca da felicidade”, que foi apresentada durante três anos pela PRE-8, Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

No mesmo ano foi ao ar a primeira radionovela brasileira, escrita por Oduvaldo Viana, transmitida pela Rádio São Paulo e denominada “A predestinada” (CHAVES, 2007, p. 31 apud PRADO, 2012, p 137).

Em 13 de maio de 1942 é criado o Ibope, fundado por Auricélio Penteadó. Seu surgimento deu-se devido à necessidade de determinar com precisão a participação de diversos veículos junto ao público, “pois tanto jornais como emissoras de rádio apregoavam a situação de popularidade que melhor lhes conviesse para convencer os anunciantes a destinarem seus investimentos publicitários” (FEDERICO, 1982, p. 67 apud PRADO, 2012, p. 144).

Ainda em 1942, a Rádio Nacional inaugurou a primeira emissora de ondas curtas do país e passou a transmitir seus programas para todo território nacional, tornando a emissora ainda mais atrativa para os patrocinadores. As radionovelas e os programas musicais garantiam o sucesso do veículo em todo Brasil. “A qualidade técnica dos programas e a contratação de profissionais altamente qualificados garantiu à Nacional altíssimos índices de audiência e transformaram a emissora em um modelo a ser seguido” (CALABRE, 2004, p. 5).

No ano de 1944, o Serviço de Radiodifusão Educativa (SRE) propôs duas diferenciações para o rádio: o educativo e o instrutivo. O primeiro seria gerado no Brasil independentemente da distinção e de ser transmitido por emissoras comerciais. O segundo teria sua programação idealizada pelo SRE. Mesmo havendo conflito de interesses entre o SRE e o DIP, neste período foram criados importantes

setores de pesquisa e educação, intercâmbio e documentação (PRADO, 2012, p. 150).

Narciso Vernizzi, italiano formado em Educação Física que trabalhava como professor e árbitro de futebol amador, criou o primeiro plantão esportivo do rádio brasileiro. Por entender regras e discussões acerca do esporte, iniciou sua carreira de radialista na década de 1940 como jornalista esportivo na Rádio Panamericana AM de São Paulo, conhecida como a emissora dos esportes (PRADO, 2012).

Aos nove anos de idade, em 1947, Sérgio Luiz Puggina Reis, dava início a sua história na comunicação. Acompanhando um amigo que era radioator na Rádio Farroupilha, Sérgio assistia aos programas que o amigo fazia ao vivo. Em um momento no noticiário, quando o mesmo estava presente, havia papel para dois meninos e então perguntaram se ele poderia fazer uma fala. Ele aceitou. Reis relembra a fala que marcou sua história:

[...] decorei a fala, e sei até hoje a fala. A primeira fala minha em rádio, em 1947, era um programa sobre um médico que salvava pessoas e tal, o tempo da Guerra ainda, a frase era: "Não é bomba não doutor. Se não explodiu até agora não explode mais". Você vê que eu tenho isso na cabeça até hoje. Era o programa Obrigado Doutor. Fiz a frase, gostaram, acharam que eu me saí muito bem com aquela frase decorada até e pronto, foi minha estreia no rádio (REIS, 2017).

Reis (2017) conta que seu amigo teve que sair da rádio em razão da mudança de voz, consequência da adolescência. Devido a esse fato, o chamaram para substituí-lo. Convidaram-no para trabalhar na rádio de forma remunerada. Ele lembra das dificuldades dessa época, um problema com o Juizado de Menores, pois ele precisou de uma licença especial para poder trabalhar. Ele fala que, em relação às atrizes que atuavam no estúdio de rádio, gostava de ouvi-las, mas eram vistas como prostitutas. Ele cresceu, mudou de voz e continuou na rádio, passando a fazer papéis de adultos.

Naquele período a Revista do Rádio, criada em 20 de fevereiro de 1948, impressa com tiragem de mais de 50 mil exemplares por semana e dirigida pelo escritor Anselmo Domingos, representava um avanço importante, tanto para os veículos de comunicação quanto para a população. Ela possibilitou uma maior

comunicação do público com as emissoras de rádio, pois haviam espaços destinados para os leitores expressarem suas opiniões (CHAVES apud PRADO, 2012, p 138).

Os anos 1940 e 1950 foram considerados a “época de ouro” do rádio no Brasil, pois durante esse período o veículo mostrava grande desenvolvimento e atingia milhares de pessoas. Isso acontecia devido ao fato de que a televisão chegou ao país somente no final da década de 1940 e novamente apenas a elite tinha acesso ao veículo (PRADO, 2012).

A Rádio Nacional Brasileira do Rio de Janeiro era a emissora referência nesta época no país. É impossível não citá-la quando a história do rádio é retomada. A mesma tinha seus equipamentos - potentes transmissores de ondas curtas - e em sua programação uma qualidade incomparável, o que a tornava a emissora com mais audiência no país (PRADO, 2012, p. 194).

3.3.1.2 Televisão

De acordo com Castro (2010), o projeto de trazer a televisão para o Brasil, começou em 1944, quando em visita a Nova York, nos Estados Unidos, Assis Chateaubriand, dono do grupo de comunicação Diários e Emissoras Associados e proprietário de diversos jornais e de emissoras de rádio, recebeu honras do chefe do Estado, sendo atendido por autoridades do país e dando entrevistas coletivas para jornais americanos, correspondentes estrangeiros, agências noticiosas e na redação do The New York Times, jornal americano mais importante do país. Também se encontrou com David Sarnoff, presidente da RCA, para negociar a compra de novos transmissores com potências de 50 e 100 kilowatts em ondas médias para suas emissoras de rádio no Rio de Janeiro, em São Paulo, Porto Alegre e Salvador. Chateaubriand e outros empresários com visão de futuro negociavam para o pós-guerra, que era uma questão de poucos meses (REIS, 2012).

Sarnoff levou Assis Chateaubriand após a reunião para uma grande sala com espetacular vista sobre a cidade de Nova York e a vizinha Nova Jersey.

[...] nas janelas, estavam montadas câmeras de TV e monitores, mostrando nitidamente, em cores naturais, o que se via a olho nu. Ao lado de Sarnoff, um senhor, aparentando simplicidade, foi apresentado como Vice-Presidente da RCA, Wladimir Zworykin, na época com 56 anos. O presidente e o vice da RCA mostravam o futuro a Chateaubriand (CASTRO, 2000, *apud* REIS, 2012, p. 22).

Chateaubriand, muito empolgado com o que via, fazia naquele momento o pedido para a primeira ordem de compra de equipamentos para a instalação de duas emissoras de televisão fora dos Estados Unidos. O negócio estava fechado, mas só inicia após a guerra (REIS, 2012).

Segundo Castro (2010), Chateaubriand decidiu trazer a televisão para o Brasil no impulso, acreditando no futuro do meio e desejando aumentar o seu número de veículos de comunicação. Em 1947, dois anos após o fim da guerra, Chateaubriand voltou aos escritórios e concretizou o negócio. Nos meses seguintes, após longas reuniões de negociações entre técnicos e executivos brasileiros e americanos, foi decidido que toda a aparelhagem para a TV Tupi de São Paulo seria comprada do fabricante RCA. A opção pelos americanos se deu porque Chateaubriand já possuía uma longa relação comercial pela compra de equipamentos para suas emissoras de rádio, pela qualidade do equipamento e pelos custos (REIS, 2012).

3.3.2 Década de 1950

3.3.2.1 Rádio

Em 1950, uma inovação tecnológica marca a história do rádio. De acordo com Nair Prata (*apud* PRADO, 2012) o transistor, que livrou o aparelho de tomadas e fios, proporcionou a criação de uma nova linguagem. Com o transistor, o público acompanhava o ouvinte para onde fosse, o que mudava a tradicional maneira de escutar o rádio, quando as famílias se reuniam na sala de estar ao redor do aparelho. A musicalidade originou uma nova linguagem e assim também o jornalismo radiofônico moderno, focado na agilidade da informação.

Neste mesmo ano, uma grande novidade surge no Brasil: a televisão. O novo veículo de comunicação passou a concorrer diretamente com a rádio. Os elencos e principais programas das rádios começam a transferir suas atividades para a televisão. Começa uma busca constante pela inovação e flexibilização na programação do rádio (PRADO, 2012). Em 1952, foi lançada a revista Radiolândia, maior concorrente da Revista do Rádio, com mais de 60 mil exemplares semanais (CHAVES, 2007, p. 36 apud PRADO, 2012, p. 138).

No ano de 1955 surge no Rio de Janeiro a Rádio Imprensa, a primeira emissora de rádio FM no Brasil, na qual a Frequência Modulada era usada somente para ligar o estúdio ao transmissor de rádio. Fundada por Anna Khoury, a programação não tinha locução e tocava apenas músicas. Nesta época não existiam receptores em frequência FM e Anna criou então a primeira fábrica de aparelhos FM (KLÖCKNER; STOSCH, 2010).

Os primeiros aparelhos criados eram alugados por supermercados, lojas, escritórios e outros, que os colocavam em seus ambientes de trabalho. A Rádio Imprensa também comercializava sua programação para estas empresas. A grande ideia de Anna deu início a rádio de música ambiente (GUERREIRO, 2015).

Em 1957 é inaugurada a Rádio Guaíba de Porto Alegre, uma das primeiras a se dedicar ao público de classes AB. Também entra no ar, em 18 de novembro do mesmo ano, a primeira emissora universitária AM do Brasil: Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, obra de Alberto Goetze e Elyzeu Paglioli (KLÖCKNER; STOSCH, 2010).

Reis (2017) entende que a Rádio Guaíba representa um diferencial muito grande. A mesma entrou no ar se preocupando com a qualidade de som, de emissora, tentando fazer novelas, opção que não deu certo, até que abriu um espaço de notícias e esportes. Ele também fala que a Rádio Guaíba já surgiu ligada a um grupo de comunicação extremamente forte, do Correio do Povo, da Folha da Tarde e da Folha da Manhã, empresa muito conceituada no Rio Grande do Sul (REIS, 2017).

Tem que imaginar que aqui Diário de Notícias e a Rádio Farroupilha tinha uma visão de emissora e jornal de fora, mesmo sendo feito tudo por aqui, e a Rádio Guaíba teve um grande diferencial na questão de não aceitar jingles, se transformando num negócio de elite. Ouvindo a rádio, você era chique, fazia parte de um grupo social elitizado (REIS, 2017).

A Rádio Farroupilha se manteve fiel ao seu esquema de rádio teatro, rádio de novelas e programas. Já a Rádio Difusora em seguida foi vendida para os freis Capuchinhos, pois faltavam recursos para terminar a montagem da TV Piratini, então se desfizeram da emissora (REIS, 2017).

Na época, em 1957, a técnica de ensino através do rádio chamada Sistema de Rádio Educativo Nacional (Sirena), foi criada pelo governo federal e visava a produção de programas educativos veiculados por emissoras espalhadas em todo o país. O Sirena é considerado um dos projetos precursores da educação a distância no Brasil e era organizado pelo professor João Ribas da Costa que, na época, contabilizou 47 emissoras na luta contra o analfabetismo (KLÖCKNER; STOSCH, 2010). Também em 1957 começam a ser comercializados, no âmbito internacional, os primeiros rádios receptores com funcionamento a pilha (KLÖCKNER; STOSCH, 2010).

A Copa do Mundo da Suécia, em 1958, é transmitida pela Rádio Guaíba de Porto Alegre, sendo a primeira a contar com o retorno no estúdio (KLÖCKNER; STOSCH, 2010).

Em 1959, o Serviço de Utilidade Pública, achados e perdidos, é lançado pela Rádio Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro, emissora já referência e conhecida por integrar notícias e músicas (KLÖCKNER; STOSCH, 2010).

3.3.2.2 Televisão

A televisão no Brasil, originada com a iniciativa de Chateaubriand, começou em 18 de setembro de 1950, uma segunda-feira, na cidade de São Paulo, com o surgimento da TV Tupi, Canal 3 (depois Canal 4) (REIS, 2012).

“TV na Taba” foi o primeiro programa transmitido pela TV Tupi. O programa tinha a apresentação de Homero Silva e contou com a participação de atores como Lima Duarte e Mazzaropi, além de cantores como Hebe Camargo e Ivan Curi, entre outros (RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO, 2010).

No ano seguinte, em 20 de janeiro de 1951, o presidente da república Eurico Gaspar Dutra pessoalmente liga o transmissor da TV Tupi do Rio de Janeiro, inaugurando o Canal 6 da então capital da país (RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO, 2010).

Ocupando o quarto andar de um prédio na avenida Venezuela, a emissora do Rio de Janeiro tinha apenas duas câmeras e um pequeno estúdio. Por essa falta de estrutura, a TV vivia muitas dificuldades (RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO, 2010).

Os estúdios não tinham nenhum tratamento acústico e, além disso, as janelas ficavam abertas para evitar o calor quando os panelões (refletores de estúdio da época) fossem acesos. Mesmo assim era uma sauna. O suor pingava do rosto dos atores e das atrizes nas cenas ambientadas em pleno inverno. E ali, entre fios espalhados pelo chão, microfones, barulhos de carro e apitos de navio entrando pelas janelas – visto que os estúdios eram construídos ao lado do cais do porto – os programas iam ao ar (LOREDO, apud RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO, 2010, p. 20).

Depois da inauguração da emissora de São Paulo, gradativamente a programação foi sendo posta ao ar: músicas, teleteatros, programas de entrevistas e um pequeno noticiário chamado Imagens do Dia. As transmissões ocorriam das cinco da tarde às dez da noite, com intervalos extensos entre as programações, para que as atrações pudessem ser preparadas, já que toda grade era realizada ao vivo (RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO, 2010).

Adotou-se na televisão brasileira o padrão americano: 525 linhas por quadro, com alimentação de 60 ciclos e 30 quadros por segundo, o já aludido padrão M. Surgiu, porém, um problema técnico: poucas cidades brasileiras tinham sua distribuição de energia elétrica em 60 ciclos, incluindo São Paulo. A maioria das cidades tinham sua energia distribuída em 50 ciclos (Rio de Janeiro), resultando em problemas como, por exemplo, rádio vitrolas que funcionavam em São Paulo e não funcionavam no Rio de Janeiro, e vice-versa (REIS, 2012).

Esta diferença de ciclagem obrigou as emissoras das cidades com 50 ciclos, quando da montagem de suas televisões, a comprarem equipamentos produzidos especialmente para funcionarem em 50 ciclos, o que os encarecia, por serem fora da linha de montagem, ou a colocarem conversores para transformar 50 ciclos em 60. O uso de conversores, no entanto, só se viabilizou quase dez anos depois de 1950, pois, até então, não houvera necessidade de converter a ciclagem em nenhuma cidade brasileira (REIS, 2012, p. 23).

Chateaubriand adquiriu, para a TV Tupi do Rio de Janeiro, equipamentos produzidos pela empresa americana Dumont, uma subsidiária da RCA, que concordou em fornecer dispositivos para funcionar em 50 ciclos por um custo menor do que o da RCA. Meses mais tarde, chegaram duas câmeras *General Electric* (GE) (CASTRO, 2000).

Cada canal televisivo possuía programações diferentes e obedecia a características próprias de cada público. A TV Tupi paulista, apresentava programas de teleteatro, com peças clássicas e de entrevistas. Na TV Tupi do Rio de Janeiro predominavam programas musicais e shows de humor (REIS, 2012).

Assim, a televisão no Brasil começava por decisão de um empresário da iniciativa privada, e não por uma vontade de governo. Por esta razão, atrelou-se definitivamente, não só ao padrão técnico, mas, também, à forma americana de fazer TV: iniciativa privada, essencialmente comercial – exatamente a visão de Chateaubriand - diferente da europeia, na época somente com emissoras estatais, sem veiculação de comerciais, que se sustentavam mediante taxas pagas pelos possuidores de receptores de televisão (REIS, 2013, p. 23).

Empresário audacioso e político, Chateaubriand certamente previu o fantástico poder de persuasão, manipulação e difusão de valores e ideias que a televisão poderia causar na sociedade brasileira. Mais do que uma forma de aumentar seu patrimônio financeiro, o novo veículo de comunicação significava muito poder (REIS, 2012).

Neste período, Reis (2017) relata que foi ocupando seu espaço na rádio, no humorismo e como rádio ator, galã de novelas e, também, fazendo locução comercial, de notícias, que era o que o mercado oferecia. Quando em 1959 surgiu a televisão, tudo virou de “cabeça pra baixo”, diz.

Quando a televisão chegou ao Brasil, não havia legislação específica para o veículo. Dois meses após a inauguração da TV Tupi de São Paulo, em 22 de novembro, passaram a existir as concessões do governo para exploração dos canais televisivos (REIS, 2012).

As primeiras concessões foram para a TV Tupi, Canal 3 (depois 4), de São Paulo; a TV Record, canal 7, de São Paulo e a TV Jornal do Comércio, Canal 2, de Recife. E o primeiro diploma legal nesta área foi emitido dois anos após através do Decreto n.º 31.835/52, que promulgou um plano de distribuição de canais para esse serviço (VIANNA *apud* REIS, 2012, p. 24).

Diversas emissoras foram inauguradas nos anos 1950: TV Paulista, em 14 de março de 1952, e TV Record, em 27 de setembro de 1953, ambas em São Paulo; TV Rio, em 15 de julho de 1955, no Rio de Janeiro, e TV Itacolomy, dos Diários e Emissoras Associados, em Belo Horizonte, no dia 8 de setembro de 1955, sendo essa a única fora do eixo Rio/São Paulo, além da TV Continental, propriedade das Organizações Rubens Berardo, em 15 de março de 1959, no Rio de Janeiro. Segundo Castro (2010), uma grande etapa estava sendo vencida com a dilatação do eixo Rio - São Paulo.

Em fins de 1958, duas importantes etapas do nosso trabalho estavam sendo vencidas. Em Belo Horizonte, ajudara a consolidar a TV Itacolomy, primeira emissora de televisão fora do eixo Rio - São Paulo e no Rio de Janeiro, a TV Tupi já operava integralmente em suas novas instalações no antigo edifício do Cassino da Urca. João Calmon determinou então, que, cumulativamente com a direção geral do Canal 6 carioca, assumisse o comando do programa de expansão das emissoras associadas de televisão. Assis Chateaubriand, então Embaixador do Brasil em Londres, decidira que, começando por Porto Alegre, emissoras associadas de TV seriam pioneiras em todo o Brasil (CASTRO *apud* REIS 2012, p.25).

A primeira emissora de televisão no Rio Grande do Sul foi inaugurada em 20 de dezembro de 1959, em Porto Alegre: a TV Piratini, Canal 5, dos Diários e Emissoras Associados (REIS, 2012).

[...] na execução, respeitados os conceitos básicos, houve uma pequena alteração no *modus operandi*. São Paulo, isoladamente, ficou encarregado do Paraná e, sob nossa supervisão, Vitor Purri, que comandara a instalação da TV Itacolomy, cuidou, com Edilson Varela na Superintendência, da TV Brasília. Igor Olimpiew dirigiu toda a parte técnica, com o apoio, no Rio, de Orazio Pagliari e de Herbert Guzman. A Tupi do Rio se reequipara, com grande êxito, na Urca, com equipamentos RCA, os escolhidos para cumprir o plano de padronização, inclusive com a compra de 10 máquinas de gravação de imagens em fita magnética, os TV Tapes (a Ampex era a detentora da denominação videotape) (CASTRO apud REIS, 2012, p. 26).

A TV Excelsior, é inaugurada em dezembro de 1959, em São Paulo, com seus estúdios na Rua da Consolação. O veículo tinha como proprietário o grande empresário cafeeiro e dono da Panair do Brasil, Mário Wallace Simonsen. A TV Excelsior teve Álvaro Moya como primeiro diretor artístico, e seus assistentes foram Manoel Carlos, hoje autor de novelas na Rede Globo, e Abelardo Figueiredo, que anos depois se transformou em empresário de *shows* teatrais de grande sucesso (REIS, 2012).

3.3.3 Década de 1960

3.3.3.1 Rádio

Esta década iniciou com a situação política brasileira conturbada. Jânio Quadros, eleito presidente em 1960, encerrou sua gestão de sete meses com a renúncia. A atitude de Quadros desencadeou uma crise institucional sem precedentes na história republicana do país, pois a posse de João Goulart, vice-presidente, não foi aceita pelos ministros militantes e pelas classes dominantes (CANCIAN, 2006).

Em 27 de novembro de 1962 foi fundada a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert), criada pelo setor privado com a intenção de defender os interesses das empresas de radiodifusão do Brasil. Neste mesmo ano, em 27 de agosto, foi promulgada a legislação da radiodifusão. A Lei nº 4.114 foi incluída no mais novo Código Brasileiro de Telecomunicações.

Para muitos pesquisadores e movimentos pela democratização da comunicação, especialmente pela revisão do sistema de outorgas, essa lei já nasceu problemática e divorciada da realidade brasileira, submetendo o interesse público (a que deve estar sujeita a comunicação) aos interesses privados (PRADO, 2012, p. 267).

Também em 1962, a reitoria da Universidade Federal de Goiás institui, pela resolução de nº 14, a Rádio da UFG, que só passou a operar oficialmente e regularmente três anos depois (ZUCOLOTO apud PRADO, 2012, p. 267).

Em 1963, o projeto que regulamenta a profissão de radialista é aprovado por João Goulart. Foi também sob seu comando que o sindicato utilizou seu direito e fez sua primeira greve geral no final de novembro desse mesmo ano (SAROLDI; MOREIRA apud PRADO, 2012, p. 269). No mesmo ano, o Sirena é incorporado à Rádio Educadora de Brasília e extingue-se. (KLÖCKNER; STOSCH, 2010).

Também neste ano, em 31 de outubro, o decreto que regulamenta os serviços de radiodifusão é promulgado, fixando os objetivos de emissoras de rádio e de televisão. O governo levou 13 anos para legislar sobre a televisão no Brasil, que já existia desde 1950.

Em 31 de março de 1964 ocorreram diversos eventos que resultaram no golpe militar. No dia 1º de abril deste mesmo ano foram encerradas as atividades do presidente eleito democraticamente João Goulart. Iniciou-se ali uma forte censura sobre os veículos de comunicação e a extinção de alguns programas radiofônicos. Uma das primeiras ações foi tirar do ar o programa Quadrante, da Rádio MEC do Rio de Janeiro. A emissora era reconhecida por focar assuntos com temas educativos e ter maior audiência que rádios comerciais (PRADO, 2012).

No ano de 1965 o Brasil foi integrado a Intelsat, uma empresa fornecedora de serviços de comunicações via satélite, para realizar transmissões de rádio e televisão (KLÖCKNER; STOSCH, 2010).

Em 08 de fevereiro de 1968 foi criado o Departamento Nacional de Telecomunicações (Dentel), órgão que recebeu atribuições de fiscalização das programações das emissoras, ou seja, o trabalho seria realizado de maneira mais

organizada e profissional que a antiga Comissão Técnica de Rádio (KLÖCKNER; STOSCH, 2010). No mesmo ano, em 31 de dezembro, no auge da ditadura militar, o primeiro programa jornalístico do rádio, Repórter Esso, também encerra suas atividades.

Neste ano surgem mais emissoras com transmissão FM (Frequência Modulada) (KLÖCKNER; STOSCH, 2010).

No dia 16 de junho de 1969, a Rádio Cultura AM de São Paulo, emissora comercial de propriedade dos Diários Associados, é estatizada e tem seu controle transferido para a Fundação Padre Anchieta (FPA), criada para a instituição da TV Cultura pelo governo estadual (ZUCOLOTO, 2010 apud PRADO, 2012).

Em 1969, a internet é criada nos Estados Unidos. Inicialmente chamada de Arpanet, tinha como função interligar laboratórios de pesquisa. Naquele ano, um professor da Universidade da Califórnia passou para um amigo em Stanford o primeiro e-mail da história (SILVA, 2001).

Vivendo o mundo no auge da Guerra Fria, a Arpanet era uma garantia de que a comunicação entre militares e cientistas persistiria, mesmo em caso de bombardeio. A rede pertencia ao Departamento de Defesa norte-americano (SILVA, 2001).

3.3.3.2 Televisão

A televisão se expande no Brasil, a partir da década de 1960, com cada capital estadual tendo pelo menos uma emissora geradora. O projeto de expansão dos Associados continuava cumprindo seus objetivos.

[...] Há 50 anos, em 1960, no décimo aniversário da pioneira paulista, se inauguravam tevês pioneiras em Brasília, em Curitiba, em Salvador, em Fortaleza, no Recife e em Belém do Pará. Em Brasília, João Batista do Amaral com a sua repetidora da TV Rio, marcava sua presença em seguida, e no Recife um destaque: inaugurado 15 dias depois do Canal 6 associado, o Canal 2 foi também legítimo pioneiro. E como Assis Chateaubriand, é impossível esquecer outro notável nordestino, o grande líder e realizador, o

Dr. Francisco Pessoa de Queiroz, e sua primorosa realização a TV Jornal do Comércio, do Recife. (CASTRO apud REIS, 2012).

Reis (2017) comenta que a televisão surgiu no Rio Grande do Sul em 20 de dezembro de 1959, mas não causou no rádio o impacto que se temia. Havia uma visão de que quando a televisão surgisse, o rádio iria acabar, o que não aconteceu, pois a televisão chegou devagar e começou com dificuldades de venda de equipamentos de recepção, os quais tinham custo elevado. Surgiram também “televizinhos”, pessoas que iam nas casas dos vizinhos para ver televisão. A televisão começou com o horário das 17h até as 22h. Era assistida apenas em Caxias e na grande Porto Alegre, portanto, não tinha cobertura estadual. Reis comenta sobre esse período:

[...] (a televisão) não tinha essa força que hoje tem. Hoje você tem televisão 24 horas por dia, diversos canais e tudo isso. Não era essa visão. A televisão entrava devagar. Sábados e domingos tinha programas. Então isso começa a crescer, até que depois de algum tempo o rádio começa a sentir a presença da televisão à noite. O grande horário de rádio era a noite, se ouvia rádio à noite, as novelas principais eram à noite, e isso muda quando a televisão começa a tomar conta da noite e em horários chaves e começa, então, uma mudança de equilíbrio desse processo nos anos 60 [...] (REIS, 2017).

Ainda na Rádio Farroupilha, Reis conta que a TV Piratini estava prestes a inaugurar, mas não havia pessoas que tinham conhecimento necessário para fazê-la funcionar. Superintendente da TV Tupi no Rio de Janeiro, José de Almeida Castro idealiza um curso de televisão, fazendo com que Reis e mais quinze colegas fossem enviados ao Rio de Janeiro para aprender mais sobre esse novo veículo de comunicação.

Ficamos quatro meses numa imersão total na TV Tupi e aprendemos a fazer televisão. [...] aprendi a operar câmera, operar áudio, etc. Nunca tinha visto televisão. Não tinha ideia do que era aquilo. Eu fui para lá, para voltar diretor de TV, suit de programa e tudo mais. [...] nós começamos a expandir esse processo (de televisão) (REIS, 2017).

Com programações predominantemente locais, no início dos anos 1960 as emissoras concederam espaços em horários nobres para o mundo artístico, empresarial e político. Fora do Rio de Janeiro e de São Paulo, não existia videotape (equipamento que grava em fita magnética imagens e sons, possibilitando centenas

de repetições e regravações) e nem satélites ou rede de micro-ondas que possibilitassem transmissões interestaduais (REIS, 2012).

Em 29 de dezembro de 1962 é inaugurada, em Porto Alegre, a TV Gaúcha, propriedade de Arnaldo Balvé (20%), Frederico Arnaldo Balvé (20%), Nestor Rizzo (20%), Manoel Arroxelas Galvão (20%) e Maurício Sirotsky Sobrinho (20%). A TV Gaúcha foi o embrião do grupo RBS de Comunicações (REIS, 2012, p. 27).

Em 1963, Reis é convidado para trabalhar na nova TV Gaúcha para dirigir e apresentar programas. Ele conta que a Rede Globo ainda não existia, então a TV Gaúcha não conseguia suprir a necessidade da programação. Para resolver este problema, contavam com a Rede Excelsior de Televisão, que exibia programas e novelas através da Rede Gaúcha (REIS, 2017).

Até então, tudo que era produzido para a televisão tinha característica de ser ao vivo. A partir de 1963/64, há a disseminação do videotape. As duas principais televisões estão localizadas na cidade de São Paulo, capital econômica, dadas as suas capacitações técnicas, artísticas e econômico-financeiras; e Rio de Janeiro, que já não era mais a capital federal, mas conservava seu poder e a intensa vida artística. Elas ainda não eram cabeças de rede, mas começam a se transformar em emissoras geradoras de produções nacionais. Neste período, emissoras de outras cidades que tinham interesse compravam os programas. “Uma geradora vendia diferentes programas para diferentes emissoras, em uma mesma praça” (REIS, 2012, p. 28).

A novela “O direito de nascer”, drama do autor cubano Félix Cagnet, foi o caso mais emblemático deste período. Diversas emissoras de rádio em toda a América Latina - Brasil inclusive - e nos Estados Unidos, assim como outras comunidades de língua espanhola, apresentavam a novela. No Brasil, a obra foi ao ar a partir de dezembro de 1964, era exibida pela TV Rio, concorrente direta da Tupi carioca, e produzida pela TV Tupi de São Paulo.

Em São Paulo, a novela “O direito de nascer”, sucesso nacional, bateu recorde de audiência e teve seu último capítulo exibido em um telão para milhares de pessoas no ginásio do Maracanãzinho, no Rio de Janeiro.

Em 2 de setembro de 1963, a TV Excelsior inaugurou sua segunda emissora, desta vez no Rio de Janeiro. Após a inauguração, a emissora centrou a produção de teledramaturgia e jornalismo em São Paulo e de shows e musicais no Rio.

[...] os diretores da Excelsior já tinham a visão de rede e buscavam, sem sucesso, realizar contratos de exclusividade com emissoras em outras capitais. Seriam as afiliadas. A Excelsior inovou, criando a programação horizontal (mesmo programa, ou tipo de programa, todos os dias no mesmo horário: novelas, shows, etc.) e a programação vertical (sequência de programas que iniciam buscando o público infantil, depois adolescente, adulto, levando todos os públicos a permanecer no canal). O modelo existe até hoje (REIS, 2013, p. 29).

Emissoras paulistas e cariocas passaram a distribuir seus programas em outros estados para emissoras-clientes “que ainda não eram chamadas de afiliadas, por serem contratos estabelecidos para cada programa, sem uma relação de compra e venda do total da programação, em caráter de exclusividade” (REIS, 2012, p. 29). A distribuição era através de fitas de videotapes quadruplex (duas polegadas, cada uma pesando cerca de oito quilos).

Estas fitas eram levadas de um lugar a outro por tráfego aéreo, o que gerava muitos percalços. Além disso, as emissoras sofriam com a desvantagem de terem de reproduzir programas atrasados, como por exemplo, em plena quaresma passar sensuais programas carnavalescos, sendo que nesta época a sociedade ainda era muito conservadora. Em sextas-feiras Santas, por exemplo, “as emissoras de rádio tocavam somente músicas clássicas e as de televisão faziam pontuais alterações na programação, apresentando programas especiais com corais ou teleteatros, e com histórias bíblicas” (REIS, 2012, p. 29). Sem imaginar a instantaneidade que o veículo viria a ter no futuro, o público telespectador não estranhava a defasagem de tempo entre a gravação e a exibição.

Reis (2017) comenta que “em 1965, já tinha até o horário político gratuito”. Nesse período ocorreu uma revolução no país na parte política, quando os militares assumiram o poder, e houve várias mudanças que prejudicaram a televisão através de legislação. A televisão começou a procurar espaços em relação à segurança nacional, então os militares perceberam que precisam controlar a comunicação e

expandi-la. Devido a isso, criou-se o Ministério das Comunicações e surgiu a Embratel, começando um processo de limitações e regras (REIS, 2017).

A repressão começou devagar, com promessas de que logo iria passar, que era apenas um período, que haveria cassações, etc., mas logo se intensificou, com troca de presidentes, prisões, arbitrariedades e outros acontecimentos que interferiram na televisão, com uma censura muito forte (REIS, 2017).

Reis lembra-se que a censura era duríssima com os veículos de comunicação. Trabalhando no telejornal da TV Gaúcha de Porto Alegre, com grandes ícones como Lauro Schirmer, Carlos Bastos, Ibsen Pinheiro, Reis recorda que era comum receber telefonemas minutos antes do jornal entrar ao ar, impondo diversas regras.

[...] “De ordem superior não se pode mais falar no nome do deputado fulano de tal”, “de ordem superior não pode noticiar não sei o quê”. Não se sabia quem estava dizendo, se você não quisesse que saísse uma notícia sobre qualquer coisa, da padaria da sua rua, era só pegar o telefone e dizer “de ordem superior”, que a gente já obedecia, porque se não cassavam o canal, prendiam a gente, o redator era preso, então tinha todos esses ditames (REIS, 2017).

Reis conta que esse processo durou até 1985. Nestes 21 anos, a televisão se alterou. Hoje há câmeras pequenas, telefone celular com câmera de TV, lente, zoom, etc. Televisão era monobloco: pesada e difícil de ser manipulada. As câmeras e tripés eram pesados e cada fita de videotape pesava 8kg. As mulheres não operavam videotape, pois tinham que pegar a fita enorme e grudar no equipamento. Tudo era muito difícil de ser operado (REIS, 2017).

Para a chegada do homem à lua, a televisão evolui. Ocorreu a miniaturização do equipamento, pois era necessário para que ele chegasse à lua antes do homem, para mostrar a descida de Armstrong. Então houve uma mudança de conceito da televisão de se apegar ao ponto de vista técnico. Perceberam que uma câmera e os outros equipamentos poderiam ser pequenos. O videotape também adquiriu novos recursos (REIS, 2017).

A partir de 1968, esta realidade altera radicalmente com a estatal Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel) passando a prestar serviços às emissoras de televisão. Fundada em 1965, a Embratel deu um grande impulso à telefonia e às comunicações em geral, interligando todo o país. A telefonia foi sua primeira finalidade, mas em seguida surgiu o interesse pela televisão, rádio e a comunicações em geral (REIS,2012).

A televisão avança, cria-se a Embratel, encerra-se o período das fitas e inicia a transmissão de programas em tempo real. Um mesmo programa ia ao ar, ao vivo ou em videotape, no mesmo dia e horário, em todo o país. O que não ia ao ar ao vivo, era gerado na madrugada e gravado em cada praça com enorme economia de tempo e custos.

Outra grande mudança na televisão brasileira ocorre com esta nova realidade: os profissionais das praças do Rio de Janeiro e de São Paulo se transformam em geradores de conteúdo nacional; os profissionais das demais cidades, habituados a produzir e realizar seus programas locais, em horários nobres, veem seu mercado de trabalho se apequenar, sobrando-lhes, para trabalhar, poucos programas levados ao ar em horários periféricos. O que quer dizer que o mercado das televisões cresce exponencialmente, para alegria dos empresários, mas o mercado dos profissionais encolhe. Nas áreas comerciais, financeiras e de conteúdo, os executivos das cabeças de rede são incitados a planejar nacionalmente. Começam a existir duas classes de profissionais de televisão, tanto internamente, nas emissoras, quanto junto ao público telespectador: os nacionais e os locais. Assim, exige-se destes profissionais nacionais um novo pensar. Um pensar nos níveis e moldes da forma americana de fazer televisão: exploração dos canais pela iniciativa privada, buscando sua sobrevivência através de veiculações de comerciais (REIS, 2012, p. 31).

A TV Globo, do Rio de Janeiro, fechou em 1965 um contrato de parceria com o grupo norte-americano. Dando como garantia 41% de suas ações, a emissora recebeu cerca de U\$ 5 milhões de dólares. Diversas pessoas entre parlamentares e veículos de comunicação afirmaram que o contrato seria contrário à legislação brasileira e se manifestaram criando uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) no Congresso Nacional.

Antes disso, a TV Paulista foi comprada em 1966 pela TV Globo, que em seguida à compra alterou o nome da emissora. Com a contratação de executivos altamente competentes, artistas e autores de renome, auxiliados pelo aporte do

capital estrangeiro, começava o crescimento do que viria a ser a Rede Globo (WALLACH apud REIS, 2012).

Em 1967 acontece a criação do Ministério das Comunicações, englobando todos os tipos de veículos de comunicação da época: rádio, televisão e telefonia. No mesmo ano, de propriedade do empresário João Saad, a TV Bandeirantes, em São Paulo, é inaugurada em 13 de maio de 1967, depois de quatro anos montada e sem entrar no ar.

Marco na televisão brasileira, o primeiro telejornal ao vivo em rede nacional, o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, com apresentação de Hilton Gomes e Cid Moreira, teve a transmissão de sua primeira edição em 1º de setembro de 1969.

No mesmo ano, em 10 de outubro, em Porto Alegre, instalada no Morro Santo Antônio, entra no ar a TV Difusora Porto-Alegrense, Canal 10, propriedade da Ordem dos Freis Franciscanos, os Capuchinhos.

Em setembro de 1968, o Conselho Nacional de Telecomunicações (Contel), formado pelo Banco Central e pelo escritório do Consultor Geral da República, analisou e considerou válido o contrato entre a TV Globo e o grupo Time-Life.

3.3.4 Década de 1970

3.3.4.1 Rádio

De acordo com Reis (2017), o rádio descobre nesta década a segmentação. O veículo se propõe a atingir todos os públicos e, para isso, uma programação eclética é criada, buscando agradar jovens, adultos, idosos, crianças, pobres, ricos, cultos e incultos.

O governo militar instaurado em 1964 cria, em quatro de outubro de 1970, o Projeto Minerva para educação formal e não formal pelas ondas de rádio. Transmitido por emissoras oficiais e privadas, o programa era produzido e

coordenado pelo Serviço de Radiodifusão Educativa (Ser), a qual a Rádio MEC do Rio de Janeiro era ligada.

A emissora se transforma no maior centro produtor dos programas do Projeto Minerva, e também em uma das principais geradoras das produções para todo o país. O Minerva integra linhas políticas da ditadura militar para desenvolvimento das comunicações e da educação a distância via rádio como meio de integração nacional e propagação de sua ideologia (ZULOCOTO apud PRADO, 2012, p. 298).

Também em 1970, em dois de dezembro, a Rádio Difusora de São Paulo é a primeira a transmitir FM regularmente no Brasil (KLÖCKNER; STOSCH, 2010). Em 1973 é lançado pelo governo o Plano Básico de Canais em FM, com incentivo à produção de rádio receptores com faixa AM e FM. Conseqüentemente, aumenta o número de emissoras FM. O novo padrão seguido veio dos Estados Unidos e consistia em apresentar comunicadores de voz jovem, falando informalmente, com humor, além de promover sorteios de brindes e rodar muita música (KLÖCKNER; STOSCH, 2010).

Por meio da Lei nº 6.301, de 15 de dezembro de 1975, é criada a Empresa Brasileira de Radiodifusão (Radiobras). A estatal era destinada a implantar e operar, de forma centralizada, as emissoras e serviços de radiodifusão do governo federal. Com sede em Brasília, era composta por uma agência de notícias, cinco emissoras de rádio que operavam em OC (Ondas Curtas), AM e FM, e duas emissoras de TV, além de atuar na distribuição da publicidade legal das entidades governamentais (KLÖCKNER; STOSCH, 2010).

Em 1977, o Plano de Distribuição de Canais Educativos e Comerciais em FM é publicado pelo Ministério das Comunicações. Para ocorrer esta operação de FMs educativas, 350 canais foram reservados (ZUCOLOTO apud PRADO, 2012). Neste mesmo ano, a rádio Cultura FM, após seis anos de existência, passa a transmitir programação própria, dando destaque às músicas clássicas (ZUCOLOTO apud PRADO, 2012).

No ano de 1978, entra no ar a Rádio Educadora FM, que pertencia ao Instituto de Radiodifusão da Bahia (Irdeb). Apesar de entrar em operação com intuito

de ter sua programação voltada para o ensino, o que motivou a sua criação, também deu espaço para a música (ZUCOLOTO, 2010 apud PRADO, 2012).

Em 1979, Maria Lydia Flândoli, a primeira comentarista em radiojornalismo e telejornalismo, chega a Rádio Jovem Pan e rompe com as equipes tradicionalmente masculinas. “Maria Lydia não era um contraponto apenas pelo fato de ser mulher, mas também pelo fato de ter um olhar diferente, um olhar voltado para as questões sociais” (MORAES apud PRADO, 2012, p. 322).

3.3.4.2 Televisão

Na década de 1960 duas emissoras de televisão surgiram: em julho de 1960 a TV Excelsior e em abril de 1965 a TV Globo, que se tornaram fortes concorrentes das TVs já existentes na época: TV Tupi, TV Record e TV Rio. A TV Excelsior inovou por trazer na administração uma visão mais moderna e balançou o mercado. A emissora introduziu os princípios de programação vertical e horizontal, também produziu telenovelas e substituiu adaptações estrangeiras por nacionais. Apesar disso, a emissora teve vida curta. Em 1º de outubro de 1970, o presidente Emilio Garrastazu Médici assina o decreto de sua cassação (RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO, 2010).

Um dos fatores determinantes para a sua derrocada foi a mudança do cenário político após 1964. A Excelsior se pautava editorialmente por um “nacionalismo democrático” e, diante da possibilidade do golpe militar, apoiou a manutenção no poder do presidente João Goulart. Com a consolidação da Ditadura, a emissora sofreu boicotes e uma censura bastante rígida. E, depois da morte de Mário Wallace Simonsen, em 1965, adquiriu muitas dívidas (RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO, 2010, p. 109 e 110).

Neste período, Reis (2017) conta que trabalhava na TV Gaúcha, onde ficou até 1970, quando surgiu a oportunidade de migrar para a TV Difusora, a qual havia entrado no ar no dia dez de outubro de 1969. A TV contratou uma série de profissionais, Reis entre eles, e lançou uma programação de filmes que se tornou sucesso. Neste mesmo ano, ele foi enviado aos Estados Unidos para comprar programas especiais. Residiu no país por dois anos, nas cidades de Nova Iorque, Miami e Washington, procurando e negociando programas e os enviando para Porto

Alegre. Houve também um período que passou pelo México, na emissora Televisa, para negociar novelas e programas. Para ele, este período foi muito bom para sua experiência profissional e pessoal.

Na TV Difusora, em 1970, Reis monta a primeira emissora de produção de comerciais em videotape da América Latina. Ele conta que participou da compra de duas máquinas de videotape com editor eletrônico, as quais facilitavam a edição de comerciais. Segundo ele, a experiência era nova e maravilhosa, e a emissora faturava muito.

Atendendo a um desejo do Ministro das Comunicações, Higino Corsetti, em 19 de fevereiro de 1972, um sábado, a primeira transmissão a cores na televisão acontece no Brasil. A TV Rio carioca e a TV Difusora porto-alegrense se juntaram operacionalmente para a realização do feito.

Na época, a TV Rio era de propriedade de Walmor Bergesch (13,5), José Salimen (13,5%), e dos freis franciscanos José Pagno (6,75%), Antônio Guizzardi (6,75%), Cyrillo Mattiello (6,75%) e Isaías Borghetti (6,75%). Walmor e Salimen acumulavam as funções de Diretores da TV Rio com as de Superintendentes da TV Difusora. Os freis acumulavam as funções de Diretores, tanto da TV Rio, quanto da TV Difusora, representando a Ordem Franciscana em ambas as emissoras. A família Machado de Carvalho, dona da TV Record de São Paulo, detinha os restantes 46% da TV Rio, mas sem qualquer posição de mando ou direção (SOSA, 2010).

Foi com a missão de dirigir a primeira transmissão a cores da televisão que Reis (2017) retornou ao Brasil. Segundo ele, a decisão de fazer a transmissão gerou uma grande confusão entre as emissoras existentes. A TV Bandeirantes, TV Globo e todas as emissoras do eixo Rio-São Paulo não queriam a televisão em cores, pois os custos para comprar equipamentos novos eram elevados, havia dificuldades na produção e os receptores não tinham o equipamento para assistir. Ou seja, duplicaria a despesa da emissora com a compra de tintas, pinturas, roupas, cenários e outros e o faturamento iria cair pela metade, pois comprar televisão a cores era realmente caro (REIS, 2017).

Após um período de discussão sobre a transmissão, a Rádio Difusora aceita o desafio de lançar a televisão a cores no Brasil. A primeira transmissão a cores do país foi o desfile de carros alegóricos e temáticos da Festa da Uva, direto de Caxias

do Sul, no Rio Grande do Sul, com direção geral de Sérgio Luiz Puggina Reis (REIS, 2017).

Reis (2017) explica que a transmissão foi motivo de grande discussão. Diversas opções foram pensadas e descartadas, como por exemplo, carnaval, por se tratar de algo que caracteriza os cariocas; partida de futebol entre Flamengo e Fluminense, conhecido como Fla-Flu, pela necessidade de se considerar os outros times dos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e demais; desfile de moda; e outros (REIS, 2017).

Em determinado momento, alguém teve a ideia de fazer a transmissão do desfile dos carros alegóricos da Festa da Uva. A proposta foi aceita e iniciaram os preparativos para o dia. Devido a uma disputa interna entre as pessoas da equipe técnica, de engenharia, de comercialização e apresentação do programa, entre outros, o trabalho estava sendo prejudicado. Por isso, Reis foi escalado para resolver estes impasses (REIS, 2017).

Com a promessa de retornar para o território americano assim que cumprisse a transmissão a cores, Reis voltou para o Brasil e passou três meses organizando o processo. A transmissão a cores aconteceu. Para Reis “foi um privilégio. [...] sabia que era um momento histórico que estava vivendo, [...] participando daquilo que seria um fato novo dentro do mercado das comunicações e da televisão” (REIS, 2017).

Após este momento, a equipe administrativa da TV Difusora não deixou Reis retornar para os Estados Unidos e deram-lhe a direção da TV Rio, no Rio de Janeiro, que havia sido adquirida pela Difusora. Empolgado com a bonificação, Reis se mudou para o estado carioca e passou a inserir na programação da TV os filmes que faziam sucesso no Rio Grande do Sul. Infelizmente a ideia não vingou, já que a TV Rio estava falida quando adquirida pela Difusora e a TV Globo já era hegemônica com suas novelas e programações (REIS, 2017).

Em 1973 é formada a Rede Tupi, quando as televisões dos Diários e Emissoras Associados começam a operar em rede. Até então, Edmundo Monteiro

comandava as emissoras de São Paulo, Paraná e Santa Catarina. João Calmon estava à frente do restante das emissoras, do Sul, Norte, Nordeste e Centro-Oeste. O império de comunicações montado por Chateaubriand teve esta divisão como uma das causas do seu encerramento (REIS, 2012).

Em quatro de abril de 1973, a TV Globo lança o programa jornalístico Globo Repórter, comandado por Paulo Gil Soares e supervisionado pelo diretor do departamento de reportagens especiais, Moacir Masson. A equipe era formada por dez profissionais, entre redatores e cinegrafistas (RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO, 2010).

A licença para concessão da TVS é assinada pelo presidente Ernesto Geisel em outubro de 1975. A TVS foi a primeira emissora de Silvio Santos, que entrou ao ar no Rio de Janeiro cinco meses após a assinatura da concessão. A TV Bandeirantes, em 1977, passa a ser cabeça de mais uma rede de televisão no país (REIS, 2012). O ano de 1977 também é marcado pelas estreias: da primeira versão do Sítio do Pica-Pau Amarelo, na TV Globo, em sete de março; do programa humorístico Os trapalhões, da TV Globo, em 13 de março; do primeiro telejornal matutino do país Bom Dia São Paulo, na TV Globo de São Paulo, em 18 de abril; e inauguração da TV Guanabara, no Rio de Janeiro, em nove de setembro.

Em Porto Alegre, em março de 1979, vai ao ar a TV 2 – Guaíba, de propriedade do jornalista Breno Caldas, também proprietário da Empresa Jornalística Caldas Júnior e da Rádio Guaíba. Sob a direção de programação de Sérgio Luiz Puggina Reis, a emissora surgiu com o objetivo de realizar a transmissão de programações predominantemente locais (REIS, 2012).

3.3.5 Década de 1980

3.3.5.1 Rádio

Na década de 80, o rádio começou a seguir seu próprio caminho. Ele se segmenta e começa a criar uma personalidade própria e a oferecer um tipo de programação para seu público. O mundo estava mudando e com isso o rádio inicia um momento de descontração. Após os Beatles e os Rolling Stones, depois de toda uma nova proposta musical, o rádio se adapta. Reis comenta sobre o início de uma nova liberalidade:

[...] eu lembro que o primeiro palavrão que foi dito em rádio, foi um palavrão, foi uma coisa horrorosa, a rádio saiu do ar. Fomos punidos, foi uma coisa horrorosa. O palavrão, posso repetir hoje e não vai acontecer absolutamente nada, o palavrão foi merda. Isso não é nada, “merda” hoje, pode falar “merda” em rádio, fala-se “merda” em qualquer lugar, não tem grandes diferenças. E o rádio foi se adequando, o rádio foi ficando mais jovem, mais velho, mais moleque, mais desafiador, foi se desenvolvendo, foi ficando mais rápido (REIS, 2017).

Em 1980 estreia na Rádio MEC do Rio de Janeiro o programa Radioteca Infantil, produzido e apresentado por Zé Zuca. Desta maneira, a emissora investe no infanto-juvenil, uma faixa específica de programação. Esta ideia já havia sido testada nas décadas de 1940 e 1950, com o sucesso do programa Reino da Alegria (ZUCOLOTO apud PRADO, 2012).

No interior de São Paulo, Sorocaba, em 1981, inicia o movimento das rádios alternativas ou livres que em seguida se espalhou pelo Brasil (KLÖCKNER; STOSCH, 2010). Com o objetivo de voltar sua programação para a educação não formal e divulgar produções culturais da instituição, em 15 de outubro de 1981 entra no ar a Rádio Universitária FM da Universidade Federal do Ceará (UFC) (PRADO, 2012).

O programa Esporte para Todos da Rede EPT é produzido em 1982 de forma descentralizada por diversas emissoras educativas e veiculado por cerca de 800 rádios do país, incluindo estações comerciais. Essa aproximação leva o segmento a instituir o Sistema Nacional de Rádio Educativo (Sinred), um sistema informal de

produção de rede. As produções Coisas da Província e Meu Brasil Brasileiro se destacaram nesta experiência (PRADO, 2012).

A Arpanet, que inicialmente tinha seu uso restrito aos Estados Unidos, a partir de 1982 tornou-se maior no âmbito acadêmico e se expandiu para outros países, como Holanda, Dinamarca e Suécia. Passou então a ser chamada de internet (SILVA, 2001).

Em nove de agosto de 1983 o Sinred é instituído oficial e formalmente pela Portaria 344 do Ministério da Educação e Cultura, com o objetivo de unir os veículos de comunicação educativos em um único sistema. Diversas “emissoras de rádio aderem ao sistema e passam a receber, via satélite, não só as coproduções, mas também as programações da Rádio MEC, que funciona como uma espécie de coordenação do segmento radiofônico do Sistema” (PRADO, 2012, p. 352). Nesse sistema, as séries Perfis Brasileiros e Esses Moços, junto com as pioneiras Meu Brasil Brasileiro e Coisas da Província, alcançaram mais sucesso.

Ainda que em 1977 o governo tivesse reservado 350 canais FM para emissoras educativas, em 1984 apenas 20 rádios haviam sido aprovadas, 14 estavam em operação e seis ainda em fase de instalação (PRADO, 2012).

Surge com muita força em 1985 a segmentação de gêneros musicais e de classes sociais.

As rádios segmentadas passam a surgir com possibilidades de desmembrar públicos. Uma rádio rock atende tribos de ouvintes que gostam de gênero. A hipersegmentação é incentivada na medida em que essas tribos também se subdividem e gostam de certos estilos dentro da segmentação. No caso do rock, nascem as rádios de rock clássico, por exemplo. A segmentação para atender públicos específicos é variada, as rádios passam a tocar só música erudita. Mais para frente, na linha do tempo da história, as emissoras partem para outras segmentações dentro das segmentações, ou seja, uma rádio que só toca música brasileira toca também samba, pagode, forró, axé, sertanejo, entre outros. As segmentações também servem às diferentes faixas etárias da audiência, uma emissora pode atender um público mais jovem, como emissoras que tocam pop ou adultas. A divisão da programação também atinge as classes sociais, portanto, uma estação pode oferecer uma programação dirigida à classe A (PRADO, 2012, p. 352 e 253).

Com uma programação dedicada à música adulta sofisticada e ao jornalismo, ainda em 1985, a Rádio Jornal do Brasil AM, ou apenas JB AM, do Rio de Janeiro, tem como destaque um programa dedicado ao jazz. Era apresentado pelo humorista Jô Soares e, de acordo com o site Cultura e Música, possuía qualidade de estéreo, com sonoridade *dolby* e grande potência (PRADO, 2012).

Em 1987, nos Estados Unidos, pela primeira vez é liberado o uso comercial da internet, a qual, por quase duas décadas, apenas os meios acadêmico e científico tiveram acesso (SILVA, 2001).

Em 1988, o Sinred é extinto, mas grande parte das emissoras que integravam o sistema continuaram retransmitindo programações da Rádio MEC do Rio de Janeiro e da Cultura paulista. Neste ano, também é promulgada a nova Constituição do Brasil e são estabelecidos os sistemas privado, estatal e público para a radiodifusão no país (ZUCOLOTO apud PRADO, 2012).

A emissora de rádio da Fundação Cultural Piratini, a FM Cultura de Porto Alegre, começou sua transmissão oficial em 20 de março de 1989. A rádio, vinculada ao governo gaúcho, operava desde 1968 a Televisão Educativa (TVE). A partir de 11 de fevereiro deste mesmo ano, a FM estava no ar em caráter experimental.

Nesta década, também houve a inserção da telefonia no rádio e o ouvinte começou a falar, não como atualmente, “que com todas as plataformas, todo mundo se tornou em jornalista praticamente” atribui Reis. O rádio começou a sair de seu casulo, percebendo que pode fazer coisas diferentes, que pode falar, gritar e reclamar (REIS, 2017).

3.3.5.2 Televisão

Os anos de 1980 vão regravar a televisão, diferente de quando Chateaubriand foi aos Estados Unidos para comprar equipamentos de rádio, viu a televisão que ele não sabia que existia e comprou na hora os equipamentos que só seriam entregues depois da guerra. Quando vieram os equipamentos, ele colocou a televisão no Brasil

e, quando isso acontece, não existe legislação alguma, pois os governantes, presidente da República, etc., nem sabiam o que era a televisão e não tinham ideia de como ela funcionava. Então a televisão entrou no ar e o que não é proibido é permitido, e não havia nenhuma lei dizendo que era proibido colocar televisão (REIS, 2017).

O governo sente a necessidade de impor regras e limites, pois esse governo de 1980 tem uma legislação. “Isso foi importante, pois corríamos o risco de destruir o mercado”, diz Reis, afirmando que é necessário haver regras para que as coisas funcionem. Para ele, o regramento não pode só tratar do limite, mas também de liberdade (REIS, 2017).

Todos os canais das emissoras de televisão dos Diários e Emissoras Associados, incluindo a TV Tupi, são cassadas pelo Presidente João Batista Figueiredo, em julho de 1980. Os canais foram passados para a TVS (posteriormente SBT), de Silvio Santos, e para o Grupo Manchete, de Adolpho Bloch, ambos com previsões de atuação nacional. O não recolhimento de obrigações sociais de seus empregados e os atrasos em impostos foram as alegações para a cassação (BERGESH, 2011, p. 198).

Em 19 de agosto de 1981 inaugura-se a rede de televisão comercial aberta Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), de propriedade do empresário e animador de televisão Silvio Santos. Em 1983 é inaugurada a Rede Manchete de Televisão, do Grupo Bloch, que se propõe a realizar uma programação de classe A (GARCIA, 2009).

Reis permanece na TV Guaíba até 1983, quando pede demissão, pois a emissora estava falindo. Após a falência, o dramaturgo e jornalista Sérgio Jockymann tomou as rédeas da emissora por meses até que Renato Bastos Ribeiro, empresário da soja, compra a empresa (REIS, 2017).

Neste ano, ocorreram as estreias: dos telejornais locais SPTV, RJTV, MGTV e DFTV, e o nacional Bom Dia Brasil na TV Globo, em três de janeiro; do programa infantil Balão Mágico, da TV Globo, em sete de março; do programa Vídeo Show,

também da TV Globo, em 20 de março; e o programa Clube da Criança, da TV Manchete, o primeiro apresentado por Xuxa Meneghel (Wikipédia).

Em 1984, o SBT aposta nos seriados mexicanos Chaves e Chapolim Colorado e vê a audiência crescer. Em 1985, a TV brasileira transmite ao vivo a eleição indireta de Tancredo Neves para presidente e José Sarney como vice. Estreia na TV Globo a novela Roque Santeiro, fenômeno de audiência, em 25 de junho (GARCIA, 2009).

Após a saída da TV Guaíba, Reis passou um tempo trabalhando na organização de eventos. Ele descreve este período como bem complicado, pois sentia falta do veículo de comunicação. Até que em 1985 retornou para o meio através da compra de sua rádio em Nova Odessa, interior de São Paulo, e após três anos retornou, em 1988, à televisão, para a emissora Rede Vida, onde participava e dirigia a programação. Reis permaneceu na emissora por dez anos (REIS, 2017).

De 1985 a 1990, a televisão brasileira vivia um novo e democrático momento, pois enfrentava a transição do regime militar para o civil com a promulgação da nova Constituição Brasileira em 1988, que trazia um artigo legitimador dos direitos livres para a comunicação. O artigo 220 do documento afirma que a manifestação do pensamento não sofrerá qualquer restrição, sendo vedada totalmente, de acordo com o parágrafo 1º e 2º, a censura (MATTOS apud GARCIA, 2009). A Constituição traz ainda, no artigo 221, que as emissoras devem procurar a produção de programas com finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas, estimulando a produção independente e promovendo a cultura nacional e regional (GARCIA, 2009).

A televisão começa a se expandir e a ocupar espaços que não ocupava por causa da censura. A liberdade efetiva e a democracia afetam a televisão. Com a liberdade política, a televisão começa a ocupar espaços muito importantes do ponto de vista da comunicação com o público (REIS, 2017).

Apresentadora Xuxa troca a TV Manchete pela Rede Globo e, em 30 de junho de 1986, estreia o programa Xou da Xuxa, considerado o programa infantil de maior

sucesso da América Latina. No SBT, em 1987, estreia o humorístico *A Praça é Nossa*, apresentado por Carlos Alberto de Nóbrega.

Em 1989, Gugu Liberato divide o palco aos domingos com Silvio Santos, no SBT; estreia o humorístico *Veja o Gordo* e o *talk show* *Jô Soares Onze e Meia*, e o telejornal *TJ Brasil*, com Bóris Casoy. Na TV Globo, a novela *Vale Tudo* faz muito sucesso e Fausto Silva assina contrato com a emissora.

No mesmo ano, no dia 26 de março, Fausto Silva inaugura seu programa *Domingão do Faustão*, gravado no Teatro Fênix, com participação especial de Xuxa. Em nove de novembro, a TV Record é vendida para o empresário e bispo Edir Macedo.

3.3.6 Década de 1990

3.3.6.1 Rádio

[...] A década de 1990 marca a solidificação das redes de rádio pelo país. De início com deslizos, como deixar informações estritamente locais serem transmitidas em cadeia nacional, por exemplo, noticiário de trânsito, meteorologia local, boletins de praias, de ondas etc. Após ajuste do horário com momentos dedicados à programação em rede e outros exclusivos aos assuntos locais, a preocupação recaiu à linguagem. Era preciso igualar uma fala única que pudesse atender todos os brasileiros. A questão do sotaque marcante veio à tona. Muitas emissoras simplesmente não contratam locutores com sotaques marcantes, outras os deixam apenas para o horário local. Surpreendentemente, as radionovelas, radioteatros, peças radiofônicas persistem varando a década de 1990. Se de um lado a discussão é se as pessoas, com o corre-corre diário, teriam tempo de acompanhar capítulos de uma história, de outro, se os altos custos que uma produção de ficção envolve, com a contratação de radioatores, sonoplastas especializados em efeitos sonoros, entre outros. Tudo isso ocorre, mas, mesmo assim, os radiodramas e as comédias para rádio sobrevivem. (PRADO, 2012, p. 399).

Essa década também é marcada pela segmentação dos espaços, pelo investimento no campo esportivo, no campo dos debates e das entrevistas. Existem diversos tipos de rádio, o rádio musical que toca música o dia inteiro, o rádio para a dona de casa; mas o rádio fundamentalmente ocupa espaços de público e de gêneros, abre espaço para os políticos falarem, e cria um bloco de comunicadores

voltados para falar e discutir sobre política, para atender as reclamações da população. O rádio se transforma em um denunciante (REIS, 2017).

Em cinco de novembro de 1990, o programa da Rádio Tam Tam teve sua primeira transmissão. O mesmo era apresentado e produzido por pacientes do Hospital Dia, antigo Hospital Anchieta, popular por receber pessoas com transtornos mentais. O programa, colocado no ar em diferentes épocas pela Rádio Universal, depois Rádio Clube, e depois Rádio Cacique (hoje Jovem Pan), durou cerca de 10 anos e fez muito sucesso. Iniciou tímido, ganhou força na emissora, se tornou diário e com duas horas de duração devido ao retorno positivo dos ouvintes. A sua estreia repercutiu na imprensa local, nacional e internacional (PRADO, 2012).

Em 1º de outubro de 1991, nasce a Central Brasileira de Notícias (CBN), como primeira emissora *all news* do Brasil. A CBN substituiu as rádios AM Eldorado, no Rio de Janeiro, e Excelsior, em São Paulo. A rádio Excelsior, chamada de Máquina do Som, era muito querida pelos ouvintes, que ficaram aborrecidos quando deixou de existir e passou a fazer parte do Sistema Globo de Rádio (PRADO, 2012).

Atualmente, a programação da rádio é veiculada e produzida por uma rede composta por quatro emissoras próprias nas praças de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Brasília. De acordo com Prado, em 2012 a CBN possuía 26 filiais. Hoje o site oficial da emissora informa que a CBN possui 30 filiais.

Juntamente com uma equipe de pesquisadores do grupo de Mídia Sonora do Intercom, Patrícia Rangel traçou um panorama das emissoras das rádios de São Paulo.

Em diálogo com o projeto idealizado pelo vice-presidente das organizações Globo, José Roberto Marinho, a programação nacional é alterada com a local a fim de ganhar escala, sem perder a proximidade com o ouvinte. A cabeça de rede, local onde é gerada a programação, é São Paulo. Rio de Janeiro ancora a rede durante a madrugada e, das 9h30 às 12h, gera seu próprio programa local (RANGEL apud PRADO, 2012, p. 405).

Mariza Tavares, diretora de jornalismo da CBN, no Manual de Redação lançado em 2011, apresenta a emissora da seguinte maneira:

“A rádio que toca notícia”. O slogan que até hoje acompanha a CBN (Central Brasileira de Notícia) traduz à perfeição um conceito que, antes da criação da emissora, em 1º de outubro de 1991, não existia no Brasil. A proposta pioneira do mundo *all news* partiu de José Roberto Marinho, vice-presidente das Organizações Globo, no final da década de 1980. Ele se propôs a criar, no Brasil, uma emissora que reunisse o melhor do mercado americano de rádio, como relatou no livro CBN, a rádio que toca notícia (TAVARES, apud PRADO, 2012, p. 406).

O jornalismo 24 horas, modelo de rádio que veio de fora, sofreu resistência e demorou para se firmar no Brasil. Por mais de 10 anos, a CBN ficou no vermelho. Segundo Prado (2012), não era muito tempo para uma rádio pioneira, pois ainda não existiam emissoras só de notícias.

A internet e a tecnologia se tornaram grandes aliadas, de acordo com Mariza Tavares. “O próprio nome rádio já não basta para descrever como o meio é hoje degustado por seu público. Um bom exemplo disso é a CBN, que se transformou numa plataforma multimídia na qual o ouvinte/internauta tem diferentes interfaces com o veículo” (TAVARES apud PRADO, 2012, p. 408).

Em 1992 começaram a surgir diversas empresas provedoras de acesso à internet nos Estados Unidos. No mesmo ano, foi inventada pelo Laboratório Europeu de Física de Partículas (Cern) a World Wide Web (WWW) que começou a ser utilizada para colocar informações ao alcance de qualquer usuário da internet (SILVA, 2001).

A Sociedade dos Ouvintes da Rádio MEC do Rio (Soarmec) é criada em 1992 com o objetivo de apoiar, propor e preservar a produção educativa cultural da emissora. A sociedade funciona atualmente no Rio de Janeiro e tem se responsabilizado principalmente pela organização e preservação da memória da Rádio MEC e de parte da história do rádio educativo brasileiro (ZUCULOTO apud PRADO, 2012, p. 412).

A MEC Rio, em 1994, é colocada à frente do movimento de reativação do funcionamento do Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa (Sinred). A resistência das emissoras em continuar trabalhando conjuntamente sob o perfil vertical de rede fez com que a iniciativa não obtivesse êxito (PRADO, 2012).

Em março deste mesmo ano, no Rio de Janeiro, a MEC Rio promoveu o I Encontro Nacional de Rádios Educativas e Universitárias. Cerca de 30 instituições, entre emissoras e produtoras radiofônicas, participaram. Desse total, perto de dez ligadas a universidades. No final do encontro, é aprovada a constituição de uma Rede Nacional de Emissoras de Rádio Educativas e Universitárias para coproduções e retransmissão de programações das integrantes. A MEC assumiu uma espécie de coordenação e se responsabilizou por distribuir via satélite as programações. A Rede não saiu do papel, mas permaneceu à disposição dos rádios para iniciá-la com pelo menos um programa nacional (PRADO, 2012).

Em maio de 1994 o departamento de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, realiza o II Encontro Nacional de Rádios, TVs e Produtoras Universitárias. Neste encontro é decidido o início da organização da primeira formação, via satélite, da Rede Universitária de Rádio. A cobertura seria inicialmente da Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) que aconteceria naquele ano, em Vitória, no Espírito Santo. A cobertura radiojornalística deste evento se concretizou com a participação de cerca de dez emissoras e produtoras universitárias, estatais, culturais e educativas (PRADO, 2012).

Ainda em 1994, uma segunda formação da Rede acontece, agora para a cobertura do Plano Decenal de Educação, em Brasília (PRADO, 2012). No ano seguinte, em 1995, em São Luís, no Maranhão, a Rede Universitária se forma novamente a partir dos estúdios da emissora da Universidade Federal do Maranhão. A Rede faz a cobertura da 47ª Reunião Anual da SBPC. Nesta edição o número de participantes, tanto para transmissão quanto para a produção, dobrou e foi considerada a maior cobertura jornalística das Reuniões Anuais da entidade pela própria SBPC (PRADO, 2012).

Nesse mesmo ano, sob a euforia do sucesso da cobertura no Maranhão, gestores e profissionais participantes da Rede fundam, em cinco de outubro, a Associação Brasileira das Emissoras de Rádio, Televisão e Produtoras Universitárias. Como ocorreu com a Rede, a Associação também não saiu do papel

e nem chegou a ser registrada. Enquanto isso, a Rede informal continua (PRADO, 2012).

A internet no Brasil começou a ter exploração comercial em 1995. Universidades como as federais do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro estavam conectadas à rede desde 1989. A Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo (Fapesp) conectou-se um ano depois (SILVA, 2001).

Em novembro de 1995 a CBN também inovou enquanto emissora de São Paulo, que operava somente em AM, replicando sua frequência no FM. A ação lhe rendeu a menção honrosa da Associação Paulista de Críticos de Arte por ser a primeira emissora jornalística em FM da cidade (Site CBN, 2017).

Em 1996 surge a Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária (Abraço), como uma entidade de classe das rádios comunitárias do Brasil. Também em 1996, em sua terceira formação, a Rede Universitária cobre a 48ª Reunião Anual da SBPC, em São Paulo, em estúdios montados na Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). Participam desta edição mais de 40 emissoras. Sua coordenação é ampliada e passa a integrar outras instituições, como a Rádio MEC-Rio, a Universidade Federal de Santa Catarina (USFC) e a Universidade de Brasília (UnB). Neste mesmo ano, a rede passou a contar com financiamento de apoios culturais (PRADO, 2012).

Em 16 de julho de 1997, a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) é criada pela Lei nº 9.472, mais conhecida como Lei Geral de Telecomunicações (LGT), sendo a primeira agência reguladora a ser instalada no Brasil, em 5 de novembro daquele mesmo ano. Enquanto isso, entra na internet, em 1997, a RadioFam da PUC-RS, web rádio universitária pioneira no País. A Rede volta a se formar, em 1998, para a transmissão da 49ª e 50ª SBPC, que ocorreram respectivamente em Belo Horizonte e Natal. Aproximadamente 60 emissoras participaram das edições em cada formação (PRADO, 2012).

Em 19 de fevereiro de 1998, o Governo Federal aprova o Regulamento do Serviço de Radiodifusão Comunitária, no Decreto nº 26.615 – Lei nº 9.612. No

mesmo ano, na cidade de Tubarão, em Santa Catarina, ocorreu a inauguração da primeira rádio digital universitária do Brasil, a Webrádio Unisul, da Universidade do Sul de Santa Catarina (FIGUEIREDO E SILVA, 2013).

A 51ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência acontece em 1999, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, com a adesão de 100 emissoras transmitindo os boletins e programas gerados a partir dos estúdios na PUC-RS (PRADO, 2012).

Após o fim da ditadura militar, diversas modificações na estrutura do antigo Sistema de Rádio Educativo (SER) fizeram com que o rádio educativo oficial passasse por uma fase pouco produtiva. Um convênio entre o Ministério da Educação e a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert), em 1991, determinou o fim do Projeto Minerva. Esse convênio defendia que as emissoras comerciais deveriam transmitir programas voltados à alfabetização e ensino básico em espaços menores do que mandava o Projeto Minerva, e irradiar dois programas de 45 minutos, aos finais de semana, produzidos pelo MEC em conjunto com a Abert (PRADO, 2012, p. 422).

O Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa (Sinred) foi criado no início dos anos 80 e, apesar de não ser uma experiência específica de educação a distância, já que também transmitia programas culturais e jornalísticos, foi o último projeto oficial voltado para a transmissão em caráter educacional (PRADO, 2012).

O Sinred tinha por objetivo promover um intercâmbio de informações, produzindo e emitindo programas que disseminasse as manifestações culturais das cinco regiões do Brasil. Em 1995, para a obtenção de recursos, foi criado o Programa de Apoio ao Sinred, o Prosinred, dirigido pela Fundação Roquette-Pinto (PRADO, 2012).

Ainda em 1999, o sistema contava com 40 emissoras que dependiam da Embratel para iniciar a veiculação da programação. O sistema encerrou suas atividades três anos depois (PIMENTEL, 2004 apud PRADO, 2012).

3.3.6.2 Televisão

Como o rádio, a televisão também abre espaços para as reclamações da população, pois as necessidades sociais são as mesmas. Os veículos têm a capacidade de interatividade, de convivência com essas situações. Dessa forma, a televisão mostra a imagem, mostra a lágrima, enquanto o rádio tem o narrador que conta para os ouvintes que está correndo uma lágrima no rosto do entrevistado. A televisão mostra e o rádio conta (REIS, 2017).

O cenário comunicacional brasileiro – e especialmente a televisão e toda a cadeia audiovisual – inseriu-se plenamente nessa onda de mudanças, inclusive incentivando-a. Os anos 90 do século XX constituíram-se como momento destacado da fragilização da percepção sobre as fronteiras nacionais, resultante dos movimentos de globalização capitalista. O prenúncio era de uma mídia sem amarras, desvinculada de vontades do Estado, mas o que se consolidou foi o princípio da livre concorrência, com a ampliação do número de emissoras televisivas e o acirramento de lógicas mercadológicas. Frente a isso, grupos de televisão aberta ao Brasil partiram para outros setores, como a TV paga, e a exploração de negócios em outros países, reposicionando-se de forma reativa, mas buscando a inovação. Trata-se de um período que, especialmente assinalado pelas características do capitalismo global, representa um momento de transição para uma lógica diferenciada das anteriormente visualizadas, constituindo agora o ambiente digital (RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO, 2010, p. 220).

A década de 1990 começou com presidente da república, Fernando Collor, confiscando poupanças e gerando uma grande instabilidade na economia. Os atos de Collor levaram milhares de jovens, mais tarde, a mobilizarem-se em uma forte campanha de mídia e a criarem o movimento “caras-pintadas”, pedindo seu *impeachment* (RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO, 2010).

Este momento histórico passou de economia abalada, com sua moeda desvalorizada rapidamente por causa da inflação galopante, para um momento de equilíbrio. Cruzado (1986), Cruzado Novo (1989), Cruzeiro (1990) e Cruzeiro Real (1993) se mantiveram pouco tempo em circulação. A estabilização aconteceu com o Real, em 1994, gerando uma onda de otimismo na economia brasileira (RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO, 2010).

Com o aquecimento do mercado, ampliaram-se os interessados na exposição de suas marcas na comunicação de massa e também nos nichos segmentados. O país vivia um período de euforia de consumo, com a entrada de novos produtos do exterior para disputar espaço internamente, aquecendo a competitividade e a necessidade por diferenciais. Com isso,

aumentaram os investimentos dos anunciantes nas mídias, e estas, por sua vez, na programação televisiva, buscando uma adequação às demandas (RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO, 2010, p. 222 e 223).

Em 20 de outubro de 1990 é fundada no Brasil a MTV Brasil, a partir de uma associação do Grupo Abril com a Viacom, umas das maiores empresas de entretenimento do mundo. Com 90% de programação gerada no Brasil, é o primeiro canal de TV segmentada do país e o único a transmitir 24 horas por dia (VALIM; COSTA; FIORDELISIO, 2002).

Em 30 de julho do mesmo ano ocorrem as primeiras concessões de TV a cabo no país. O Canal +, conhecido como Canal Plus, é o primeiro por assinatura no Brasil (VALIM; COSTA; FIORDELISIO, 2002).

Em 1991, a pedido do Congresso Nacional, as concessões para canais por assinatura são suspensas até que uma lei específica para o setor seja criada (VALIM; COSTA; FIORDELISIO, 2002).

Ao vivo, em 1992, as emissoras transmitem os acontecimentos que levam ao *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello. Com exatos 2 mil programas exibidos, em 31 de dezembro deste mesmo ano, chega ao fim o Xou da Xuxa (VALIM; COSTA; FIORDELISIO, 2002).

Xuxa volta a comandar um programa infantil em quatro de junho de 1994. Xuxa Park era exibido aos sábados de manhã, na Globo. O estilo do programa volta-se para adolescentes (VALIM; COSTA; FIORDELISIO, 2002).

Também em 1994, o tetracampeonato mundial da Seleção Brasileira de Futebol na Copa do Mundo nos Estados Unidos é transmitido pelas redes Globo, Bandeirantes e SBT. O jogador Romário é consagrado e a transmissão tem recorde de audiência no mundo com 3 bilhões de telespectadores (VALIM; COSTA; FIORDELISIO, 2002).

Em dois de outubro de 1995 é inaugurada a nova Central Globo de Produções, PROJAC (Projeto Jacarepaguá), em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. Por sua vez, em 1996, o SBT completa 15 anos de existência e inaugura sua sede

definitiva, o Centro de Televisão (CDT) – Complexo Anhanguera (VALIM; COSTA; FIORDELISIO, 2002).

O mundo chega a marca de 1 bilhão de aparelhos televisivos em 1996. O Brasil é o sexto na fabricação de aparelhos televisivos, produzindo cerca de 7,5 milhões e é o terceiro maior consumidor, perdendo apenas para Estados Unidos e Japão (VALIM; COSTA; FIORDELISIO, 2002).

As emissoras CNT e TV Gazeta iniciam parceria que forma uma única emissora e passa a se chamar CNT Gazeta. Os Jogos Olímpicos de Atlanta, nos Estados Unidos, são transmitidos no Brasil pelas cinco emissoras: as televisões abertas Globo, SBT, Record, Bandeirantes e Manchete; e as fechadas SporTV e ESPN Brasil (VALIM; COSTA; FIORDELISIO, 2002).

As mesmas emissoras transmitem, em 1998, a Copa do Mundo realizada na França. Mais uma vez ocorre um recorde de audiência, quando o Brasil perde a final para a anfitriã do mundial. Em 17 de maio do mesmo ano, o SBT inicia sua primeira campanha do Teleton. Em 10 de junho a Rede Globo faz a primeira transmissão digital de alta definição ao vivo no país (VALIM; COSTA; FIORDELISIO, 2002).

Em agosto de 1999, após inúmeras crises, a Rede Manchete é vendida para o Grupo TeleTV (uma Shopping TV), do empresário Amilcare Dalevo. É o fim da Rede Manchete e o início da RedeTV, que entrou no ar oficialmente em 15 de novembro (VALIM; COSTA; FIORDELISIO, 2002).

3.3.7 Anos 2000

3.3.7.1 Rádio

Com a chegada do século XXI, mais uma vez especulações sobre a extinção dos veículos de comunicação preocupa aqueles que viveram a história.

O velho fantasma da extinção do rádio ronda mais uma vez nossos estúdios, trazendo angústias e incertezas a seus profissionais e gerando confusão entre os estudiosos do meio. Agora, a ameaça se chama internet, o fenômeno que parece querer subjugar o mundo nesta virada do milênio, devorando todas as mídias que o antecederam, até mesmo a televisão, até pouco tão garbosa no seu domínio sobre a civilização. Diante de tal poder e voracidade, quem tem chance de sobreviver? Alguém é louco de postar no rádio? (MEDITSCH, 2001 apud PRADO, 2012, p. 429).

A década de 2000 traz consigo uma nova realidade. O telefone celular se populariza e oferece aos seus usuários o rádio FM, eliminando a transmissão AM. O rádio começa também a concorrer diretamente com as novas tecnologias oferecidas, como Ipod, MP3 player, MP4 e outros (PRADO, 2012).

Segundo Reis (2017), a transição de AM para FM é uma necessidade para que haja progresso na comunicação. A rádio AM é uma rádio muito cara, que precisa de donos com grande poder aquisitivo e bons administradores. Outro fator é que a AM ocupa um grande espaço na banda, que é o espectro de transmissão, utilizando um espaço que antes não fazia falta, mas que agora, depois do processo de digitalização, disputa espaço com milhares de telefones celulares, o que o governo quer privilegiar, segundo Reis.

Essa década é da internet e da “geração digital”. Nunca tivemos tanta facilidade em aprender, ler livros, receber mensagens e de buscar informações. Sérgio afirma que esta é uma geração que sabe usar todos equipamentos, usufruindo do que a tecnologia nos oferece. Ele visualiza que o atual momento cria a possibilidade infinitas de crescimento e de envolvimento global.

As pessoas se comunicam sem sair de casa. E ainda vem gente dizer que a internet acabou com a comunicação. Acabou não, triplicou, quadruplicou, quintuplicou a comunicação. Nunca nos comunicamos tanto como nos comunicamos agora. E a perspectiva é que vamos nos comunicar mais ainda (REIS, 2017).

Em 2002, a emenda constitucional que permite que empresas de comunicação tenham capital estrangeiro no setor é aprovada (PRADO, 2012). A Rede Nacional de Emissoras de Rádio Educativas e Universitárias, a conhecida Rede, volta a se formar após dois anos para a transmissão da 54ª SBPC, na Universidade Federal de Goiás. O momento estranho para a história, pois bate o recorde

de emissoras participantes: duzentas retransmitiram a cobertura em rede, inclusive rádios comerciais. O número expressivo de estações se deve às tecnologias disponíveis para captação dos boletins: satélite, telefone e internet (ZUCOLOTO, 2010 apud PRADO, 2012).

A Associação das Rádios Públicas do Brasil (Arub) é fundada em 2004 por um grupo de 10 emissoras estatais, educativas, culturais e universitárias. Difundir, irradiar e produzir cultura, educação, cidadania, entretenimento, informação e prestação de serviços, buscando atingir um público cada vez mais amplo da sociedade, é definido como missão institucional de uma rádio pública, através da Carta de Princípios da Arpub (PRADO, 2012).

Em 2004, o *podcast*, serviço de transmissão de áudio, é incorporado como mais um atrativo das emissoras na *web*. Neste ano, não era novidade a distribuição de arquivos com “programas de áudio”. Porém, para que o ouvinte pudesse acessar o arquivo, era necessário conectar o *site*, realizar o *download* e escutar, a cada nova “edição”. Para que o jornalista Christopher Lyndon pudesse disponibilizar uma série de entrevistas na internet, Dave Winer criou em 2003 uma forma de transferir o áudio chamada *RSStoIPod*. Desde então, outros agregadores começaram a fazer o *download* automatizado de arquivos de áudio (LUIZ; ASSIS, 2014).

Esse sistema foi denominado *podcasting*, nome sugerido por Ben Hammersley no jornal The Guardian, em fevereiro de 2004, para definir a forma de transmissão das entrevistas de Lyndon e acabou sendo adotado posteriormente para o novo sistema de transmissão de dados. Os programas de áudio distribuídos através do *podcasting* passaram a ser denominados *podcasts* (LUIZ; ASSIS, 2014).

No Brasil, segundo Silva (2008), o primeiro *podcast* foi o Digital Minds, de Danilo Medeiros, iniciado em 21 de outubro de 2004. O programa surgiu a partir do blog homônimo, devido ao desejo do autor em se diferenciar dos blogs que existiam então. Embora vários blogs brasileiros publicassem arquivos de áudio, esses arquivos não se caracterizavam como *podcast* pela impossibilidade de se assinar o programa via RSS (LUIZ; ASSIS, 2014).

Em 2007, para instituir a TV Brasil, é criada a Empresa Brasil de Comunicação (EBC) pela Lei nº 11.652, oriunda da Medida Provisória nº 398, e

defendida pelo governo federal como uma das suas contribuições para a construção da rádio pública. O I Fórum Nacional de Rádios Públicas é realizado em novembro de 2007 sob o comando da Arpub e da Radiobras (PRADO, 2012). Na EBC, em 2008, é instituída a Superintendência de Rádio. Orlando Guilhon, presidente da Arpub e diretor da Rádio MEC do Rio, é nomeado para comandá-la (PRADO, 2012).

Em Belém, no Pará, a partir de uma proposta da Arpub, rádios públicas realizam cobertura em rede do Fórum Social Mundial, em 2009. Em outubro deste mesmo ano, em Brasília, a Arpub e a UnB, com apoio da EBC, promovem o Seminário e III Encontro Nacional de Rádios Públicas. O evento reuniu cerca de 100 participantes, com a inclusão de uma plenária dos representantes das rádios para a aprovação de teses da Arpub na I Conferência Nacional de Comunicação, a Confecom, que ocorre em dezembro. No histórico evento, participam dezenas de emissoras ligadas à Arpub, as quais promovem uma cobertura em rede (PRADO, 2012).

Em 29 de março de 2010 o Ministério de Estado das Comunicações, considerando a necessidade de disciplinar os procedimentos para a instalação, o licenciamento e a operação das estações dos Serviços de Radiodifusão de Sons e Imagens e de Retransmissão de Televisão utilizando tecnologia digital, divulga o padrão do rádio brasileiro (PRADO, 2012).

3.3.7.2 Televisão

A partir da década de 2000, a televisão no Brasil sofreu mudanças. Algumas mais significativas que outras, mas todas muito importantes para a história do veículo no país. Aliada à tecnologia, a televisão cresceu proporcionalmente e as atualizações de sua programação causaram no telespectador um novo comportamento (MIRANDA; MOURA, 2016).

Em agosto de 2000, para formar sua própria rede, a TV Gazeta rompe parceria com a CNT, deixando São Paulo e cidades vizinhas sem sinal até 2001.

Neste ano, os Jogos Olímpicos de Sydney, na Austrália, são transmitidos pelas redes Bandeirantes e Globo.

Os atentados terroristas ao complexo empresarial do *World Trade Center* (Torres Gêmeas), na cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos, são transmitidos ao vivo pela televisão brasileira em 11 de setembro de 2001.

No Brasil, neste mesmo ano, durante a gravação do programa Xuxa Park, ocorre um incêndio, destruindo o estúdio “F” do Projac e encerrando o programa infantil. No ano seguinte, em 2002, Xuxa volta à televisão com o programa “Xuxa no mundo da imaginação”. Totalmente idealizado pela apresentadora, o programa educativo infantil marca o fim da parceria empresarial entre ela e a diretora Marlene Mattos.

Também na Globo, estreia o reality show Big Brother Brasil. A emissora é a única a transmitir o pentacampeonato mundial da Seleção Brasileira de Futebol na Coreia e Japão. Enquanto isso, o Jornal Nacional entrevista em sua bancada os candidatos à presidência daquele ano, inovando na cobertura das eleições.

Em 2003 morre Roberto Marinho, presidente e dono das Organizações Globo. O conglomerado de mídia é assumido por seus filhos.

O programa Xuxa no Mundo da Imaginação chega ao fim em 2005. A apresentadora estreia em seguida o “TV Xuxa”, ainda focado no público infantil. Para adequar-se aos novos padrões da TV Globo, em 10 de maio de 2008 Xuxa inicia sua transição de público infantil para o jovem e adulto e o TV Xuxa passa a ser um programa semanal, de auditório e dedicado à família.

Em 2010, Globo e Band cobrem a Copa do Mundo de futebol realizada na África do Sul. Os Jogos Olímpicos de Inverno realizados em Vancouver no Canadá são cobertos com exclusividade na TV aberta por Record e Record News.

Com a consolidação das redes, a televisão brasileira passa a agir como as emissoras americanas, desde seu início, e as europeias, desde o término da

exclusividade das emissoras estatais, abrindo canais para emissoras comerciais: fazendo concessões e jogando com o público em busca de audiência.

De modo retrospectivo, visualizam-se como fases da televisão brasileira: a elitista, de 1950 a 1964; a populista, de 1964 a 1975; a do desenvolvimento tecnológico, de 1975 a 1985; a da transição e da expansão internacional, 1985 a 1990; e a da globalização e da TV paga, de 1990 a 2000. A partir de 2000 adentra-se em outra, a fase da qualidade digital, em transcurso. Dessa forma, nestes sessenta anos, a TV brasileira passou por grandes transformações, incluindo a introdução do videoteipe e do processo de produção e transmissão em cores, com o acúmulo de inovações e direcionando-se a novos padrões de desenvolvimento tecnológico, abrindo possibilidades de negócios (RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO, 2010, p. 221).

Com o grande número de emissoras locais e com quatro redes (Globo, SBT, Record e Bandeirantes) disputando acirradamente o mercado publicitário, a partir dos anos 1980 os índices de audiência se transformam em peça fundamental para o faturamento e consequente sobrevivência das redes.

Hoje, no Brasil, temos institutos de pesquisa que medem a audiência minuto a minuto, com informações estratificadas de classes sócio-econômicas, faixas etárias e gênero.

A digitalização da televisão é um processo que surgiu nessa década e exige a troca do servidor analógico pelo digital, que visa melhorar a qualidade de transmissão de sinais. O digital é uma evolução. Para Reis sua qualidade é tão exigente que ele desliga quando não há sinal com a capacidade que ele precisa. O analógico é um formato de transmissão, livrar-se dele é uma “medida higiênica”, pois ocupa espaços que não são dele, que podem ser melhor aproveitados (REIS, 2017).

3.3.7.3 Univates

É nesta década que Reis, após passar dez anos em uma emissora de televisão, sentiu que estava na hora de compartilhar suas experiências e conhecimento para o segmento acadêmico. Coursou mestrado e espalhou seu currículo pelo Brasil inteiro. Ele conta que alguns amigos não acreditavam que alguma instituição poderia o contratar, devido a sua idade avançada. A Universidade

do Vale do Taquari (Univates) o convidou para trabalhar no educandário e, desde 2013, ele tem dividido com os alunos sua história na comunicação (REIS, 2017).

Reis (2017) se emociona quando compartilha suas experiências com os alunos e colegas de profissão. Ele garante ter uma “convivência fantástica” na Universidade. Para ele, foi amor à primeira vista, a Univates o quis e ele quis a instituição. “É um sonho realizado” (REIS, 2017).

Os alunos, chamados carinhosamente por ele de “minhas crianças”, são considerados pessoas lutadoras, interessadas, espertas e atentas. E depois de tanto caminho trilhado, julga “maravilhoso” poder conviver com eles nessa época de sua vida (REIS, 2017). Questionado sobre fazer parte da história na comunicação, Reis (2017) comenta:

Eu vivi aqueles tempos e estou vivendo esses tempos. Isso é fantástico, me dá a noção da responsabilidade que tenho, foi o que me trouxe para a universidade, foi o que me trouxe para a UNIVATES: essa noção de ter que repassar isso pras [sic] pessoas. Não vou ficar aqui muito mais tempo, tenho que andar ligeiro. Então eu tenho essa noção. Sou um privilegiado, eu agradeço a quem colaborou comigo: Deus, anjos, santos, alguém facilitou minha vida. Não foi uma vida difícil, não fui rico, longe disso, mas nunca fui pobre. Mas sempre fiz o que queria e sempre fiz com amor, sempre fiz com carinho, dedicação, porque é o que eu amo fazer (REIS, 2017).

Sobre seus amigos e colegas de vida midiática, ele diz: “O pessoal já se despediu, daqui uns dias a gente se encontra” (REIS, 2017).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível observar que a história do rádio e da televisão narrada pela perspectiva biográfica-midiática de Sérgio Luiz Puggina Reis é cheia de nuances decorrentes da lembrança de fatos.

Na década de 1940, no auge do rádio, o professor destacou sua estreia aos nove anos de idade, como radioator na Rádio Farroupilha. A leitura bem feita de uma frase marca o início de uma história de vida na comunicação.

Em 1950, depois de grande repercussão nos Estados Unidos e Europa, a televisão chega ao Brasil e a primeira emissora é instalada em São Paulo. O novo veículo de comunicação passou a concorrer diretamente com o rádio. Isso porque alguns elencos reconhecidos em rádio transferiram-se para a televisão. O rádio, então, inicia sua busca constante pela inovação e flexibilização nas suas programações.

Quando a televisão chegou ao Rio Grande do Sul, na década de 1960, ninguém sabia como fazê-la funcionar. Reis participou de um curso oferecido pela TV Tupi, no Rio de Janeiro, para aprender tudo sobre a televisão. Após meses de imersão, ele voltou para Porto Alegre e, juntamente com grandes nomes, inaugurou a TV Piratini. Neste período, teve a oportunidade de dirigir e apresentar diversos programas e emissoras. Além disso, passou alguns anos morando fora do Brasil, onde negociava programas especiais para serem transmitidos nas emissoras daqui.

Enquanto isso, o rádio e a televisão enfrentavam a ditadura militar no seu auge e sua forte censura sobre os veículos de comunicação, com a extinção de alguns programas radiofônicos.

A década de 1970 marca um novo momento para a televisão. Acontece no país, a primeira transmissão a cores e Reis é o responsável pela direção do fato. O rádio descobre, nesta época, a segmentação, se propondo a atingir todos os públicos em diferentes momentos do dia.

Ainda no caminho da segmentação e da construção de uma programação eclética, o rádio, nos anos de 1980, começa a criar uma personalidade própria. Neste período, assim como o rádio, a televisão vivia um novo e democrático momento, pois enfrentava a transição do regime militar para o civil com a promulgação da nova Constituição Federal brasileira.

O rádio, na década de 1990, investe no campo esportivo, em debates e entrevistas. Espaços para políticos falarem e discutir política são abertos. Atendendo as reclamações da população, o rádio acaba se tornando um denunciante. Como o rádio, a televisão também abre espaços para as reclamações do povo. Enquanto a televisão mostra a imagem de alguma situação, o rádio, com seu narrador, conta aos ouvintes o que está acontecendo na cena.

O fenômeno da internet é conhecido pelo mundo e o fantasma da extinção amedronta os “velhos” veículos de comunicação. Os anos 2000 trazem consigo uma nova realidade. O telefone celular se populariza e a internet e os veículos de comunicação se tornam grandes aliados, transformando-se em plataformas multimídias na qual o ouvinte/internauta/telespectador possui diferentes maneiras de interagir com os veículos. Durante esse período, Reis encerrou sua vida profissional nos veículos de comunicação e buscou se desafiar na vida acadêmica, logo compartilhando com toda a sua história.

Quanto às hipóteses, evidencia-se que os fatos do passado foram percebidos e narrados por Reis, um dos protagonistas da história midiática brasileira, de modo muito detalhista. Ao narrar sua vida, em relação à história da comunicação midiática

brasileira, ele revelou emoções e buscou na memória, em minúcia, os acontecimentos, para que pudesse contar, de forma clara e concisa, os momentos que marcaram sua história.

O professor Sérgio Luiz Puggina Reis considera como acontecimentos mais relevantes a entrada no rádio, ainda criança; e a inauguração da TV Piratini; além do fato de dirigir e apresentar diversos programas em diferentes emissoras. Reis também destacou o período em que morou fora do Brasil, onde negociava programas especiais para serem transmitidos nas emissoras daqui; e quando presenciou a ditadura militar “golpeando” duramente os veículos de comunicação com suas restrições. Também compartilhou, com muita emoção, a responsabilidade que sentiu ao dirigir a primeira transmissão de televisão a cores no país, na década de 1970.

Com a pesquisa foi possível constatar que Reis teve sua vida totalmente afetada pela história do rádio e da televisão. Muito jovem iniciou no rádio, migrou para a televisão, retornou ao rádio, fez televisão novamente, trabalhou em ambos veículos simultaneamente, enfim, teve sua vida dedicada ao meio. Acompanhou os avanços da tecnologia e se adaptou as mais diversas situações. Diretor, repórter ou locutor, independentemente da função, esteve presente na construção da história do rádio e da televisão durante todas essas décadas. Depois de ter conhecido com mais profundidade a sua história, é grato à vida por ter lhe guiado por este caminho.

Ao comparar as hipóteses criadas antes do trabalho, é possível perceber que foram compatíveis. Elas não foram totalmente certas, pois antes não conhecia a história do Sérgio com profundidade. Nas hipóteses foram colocadas as expectativas em relação ao desenvolvimento do trabalho e o que a pesquisa trouxe foi o detalhamento dos fatos.

Quanto aos objetivos específicos de registrar a história do rádio e televisão, conciliando com a trajetória de um dos protagonistas dela, e de identificar fatos relevantes na história de vida midiática de uma fonte testemunhal, se constata que ambos foram alcançados. Com o auxílio dos livros e da entrevista concedida por Reis, foi possível conciliar a história e descobrir quais fatos da evolução dos veículos

de comunicação marcaram aquele que viveu períodos importantíssimos do rádio e da televisão. Com isso, os conhecimentos na área de história das mídias foram aprofundados.

Sobre o objetivo específico de documentar em vídeo a história contada pela fonte testemunhal, a experiência foi muito significativa. O tema escolhido sempre teve uma grande relevância. Ao iniciar a pesquisa, diversas dúvidas, inseguranças e hipóteses surgiram. Como seria pesquisar e documentar a história de um homem que viveu acontecimentos importantíssimos do rádio e da televisão? Nos poucos relatos ouvidos em sala de aula, já havia a consciência da importância que ele tinha na história do desenvolvimento dos veículos de comunicação. Ouvi-lo sempre foi prazeroso e, durante esta pesquisa, não foi diferente. O Sérgio foi o primeiro professor que tive ao entrar na universidade e, ao conhecer um pouco da sua história, sabia que queria aprofundar. Acreditei nesta pesquisa e percebi que documentá-la apenas em papel não era suficiente, era preciso algo mais. Foi quando surgiu a ideia de fazer o audiovisual. Foi um desafio construí-la, já que tive que desenvolver aptidões na área.

Para que a ideia saísse do papel, foram necessária uma busca de inspirações na internet, conversas com pessoas da área e pesquisa profunda. A gravação do audiovisual ocorreu na manhã de 27 de julho de 2017 e a conversa durou aproximadamente duas horas.

O audiovisual inicia com o professor Sérgio Reis relatando o início de sua carreira nas mídias. Ele cita a primeira frase que falou no rádio aos nove anos de idade. Após a visualização do título, Sérgio continua a narração dos fatos. O documentário está organizado da mesma forma que o trabalho textual, ou seja, a partir de décadas. E finaliza com os relatos do professor sobre o “seu novo tempo” como mestre na universidade.

Para a gravação do relato de Sérgio Reis, foi operada uma filmadora Sony NEX-FS100N em um tripé fixo, primeiro plano, ângulo normal e lado do ângulo 3/4. Também foi utilizada uma câmera DSLR Canon 70D em movimento, com

enquadramentos de primeiríssimo plano e plano detalhe, em ângulo normal e plongée, lado do ângulo 3/4.

Para a decupagem e edição do material, foi utilizado o *software* Adobe Premiere Pro CC 2018. Com o objetivo de deixar o vídeo fluído, foi realizada a linguagem *jump cut* e multicâmera. Já na pós-produção, foi utilizado o *software* Adobe After Effects CC 2018 para a animação de frases citadas pelo entrevistado durante a gravação, dando ênfase a momentos de sua vida.

Apesar de conhecer muitas das suas histórias devido à convivência durante cinco anos em sala de aula, é impressionante como Sérgio tem relatos para contar. Para conseguir registrar todos os mínimos detalhes de sua vida, com certeza, seria necessário mais do que duas horas. A priori, sinto-me satisfeita com o resultado obtido, mas fico instigada a querer saber mais.

Sinto-me honrada por tê-lo como professor e agora como fonte de pesquisa. E claro, sinto-me privilegiada por ele permitir que sua história fosse documentada em meu trabalho de conclusão de curso.

Destaco, por fim, o prazer vivenciado na construção deste trabalho. Foram importantes as constatações acerca da história do rádio e da televisão conciliadas com a biografia-midiática de Sérgio Luís Puggina Reis. Muito mais do que isso, à medida que este trabalho tomava corpo, ocorreu um significativo processo de construção pessoal. Realizar este trabalho se tornou uma experiência muito marcante e, acima de tudo, gratificante.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**. Textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e Observação Participante**. Coleção Pesquisa Qualitativa. Tradução de José Fonseca. Artmed, 2009.

BARROS, Aidil de Jesus Paes de; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

BERGESCH, Walmor. **Os Televisionários**. Porto Alegre, Edições Ar do tempo, 2010.

Blog Evolução da Televisão -
<<http://evolucaodatelevisao01.blogspot.com.br/2015/03/linha-do-tempo-das-televisoes-1950-dia.html>> - Acesso em: 03 dez. 2016.

CALABRE, Lia. **A participação do rádio no cotidiano da sociedade brasileira (1923-1960)**. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em:
<http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/a-z/FCRB_LiaCalabre_Participacao_radio_cotidiano_sociedade_brasileira.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2017.

CANSIAN, Renato. **Governo Jânio Quadros (1961)**: Mandato polêmico de sete meses. São Paulo, 2006. Disponível em:
<<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/governo-janio-quadros-1961-mandato-polemico-de-sete-meses.htm>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

CASTRO, J. Almeida. Empresário, ex- diretor dos Diários e Emissoras Associados. Entrevistas por e-mail 2011.

CASTRO, J. de Almeida. **História do Rádio no Brasil**. São Paulo. 2000. Disponível em: <<http://www.abert.org.br/web/index.php/quemsomos/historia-do-radio-no-brasil>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

CASTRO, J. de Almeida. **Tupi**: Pioneira da televisão brasileira. São Paulo, Fund. Assis Chateaubriand, 2000.

CAVALCANTE, Patrícia Sullivan L.; CARVALHO, Suzele da Silva; ARANTES, Claudia. **"O melhor som da cidade"**, a efêmera Rádio Equatorial de Macapá. 2011. Disponível em: <<http://www2.unifap.br/c-regional/files/2012/12/R%C3%81DIO-EQUATORIAL.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

CBN. Disponível em <<http://cbn.globoradio.globo.com/institucional/historia/HISTORIA.htm>>. Acesso em: 15 out. 2017.

CHEMIN, Beatris Francisca. **Manual da Univates para trabalhos acadêmicos**. Lajeado: UNIVATES, 2012

CHIAPETTI, Rita J. N. **Pesquisa de campo qualitativa**: uma vivência na geografia humanista. Santa Cruz, vol. 6, n. 2, p. 139-162, dez. 2010.

DUARTE, Jorge. BARROS. Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008.

DUARTE, R. **Pesquisa qualitativa**: reflexões sobre trabalho de campo. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n. 115, p. 139-154, mar. 2002.

E-MAILs *apud* REIS (2013)

FELIPE, Leandra. **Na América Latina, rádio cumpriu papel de integração, dizem especialistas**. 2013. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/noticias/internacional/2013/02/na-america-latina-radio-cumpriu-papel-de-integracao-dizem>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

FIGUEIREDO, Ana Carolina Fernandes; SILVA, Gilson Luiz Piber da. **Algumas reflexões comunicacionais sobre a Radioweb Unifra**. Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em <<http://portalintercom.org.br/anais/sul2013/resumos/R35-1543-1.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2017.

GARCIA, Santiago Naliato. **A nossa telinha**: a TV brasileira e seu desenvolvimento, do preto e branco ao digital, a partir de políticas públicas e comerciais. São Paulo. 2009. Disponível em: <<https://celacom.fclar.unesp.br/pdfs/80.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GOLDEMBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GUERREIRO, André. O surgimento e a evolução da Rádio FM. 2015. Disponível em: <<https://radiobrasilagf.wordpress.com/2015/06/11/o-surgimento-e-a-evolucao-da-radio-fm-3/>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

KLÖCKNER, Luciano; STOSCH, Sergio. **Linha do tempo do rádio no Brasil**. Porto Alegre. 2010. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/713-4.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

LOREDO, João. **Era um vez... a televisão**. São Paulo: Alegro, 2000.

LÜDKE, M.; ANDRÉ M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LUIZ, Lúcio; ASSIS, Pablo. História do Podcast. 2014. Disponível em: <<http://diadopodcast.com.br/blog/historia/>>. Acesso em: 15 out. 2017.

MENEGUEL, Yvonete P.; OLIVEIRA, Oseias de. **O rádio no Brasil: do surgimento à década de 1940 e a primeira emissora de rádio em Guarapuava**. s/d. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/713-4.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

MILANESI, Luis. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MIRANDA, Mozarth Dias de Almeida; MOURA, Sérgio Arruda de. **O novo comportamento do telespectador em uma televisão em constante mudança: Impactos, Conexões Sociais e Consumo Midiático**. 2016. Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/4146/pdf_1>. Acesso em: 15 out. 2017.

MORAES, Roque. **Mergulhos Discursivos**: Análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. 2005.

MOREIRA, Sônia Virgínia. **Análise documental como método e como técnica**. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (orgs). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

PRADO, Magaly. **História do rádio no Brasil**. São Paulo: Da boa prosa, 2012.

PRODANOV, Cleber Cristiano.; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

Radiofam Espaço Experiência - <<http://projetos.eusoufamecos.net/radiofam/linha-do-tempo-do-radio-no-brasil/>> - Acesso em: 03 dez. 2016.

REIS, Sérgio Luiz Puggina. **O backstage da televisão no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 2012.

REIS, Sérgio Luiz Puggina. **Documentário**: A história do rádio e da televisão pela perspectiva biográfica-midiática de Sérgio Reis. Lajeado, 2017.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (Orgs). **História da televisão no Brasil**: [do início aos dias de hoje]. São Paulo: Contexto, 2010.

SILVA, Leonardo Werner. **Internet foi criada em 1969 com o nome de "Arpanet" nos EUA**. São Paulo. Folha de São Paulo. 12/08/2001. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u34809.shtml>>. Acesso em: 15 out. 2017.

SOSA, Wladimir Victorio. **Vereda luminosa**. Porto Alegre, Forma diagramação, 2010

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de teoria e de pesquisa da comunicação e da mídia**. Edição. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VALIM, Mauricio; COSTA, Soraya; FIORDELISIO, Renata. **Tudo sobre a TV**. São Paulo, 2002. Disponível em <<http://www.tudosobretv.com.br/histortv/tv90.htm#>>. Acesso em: 15 out. 2017.

VERGARA, S. C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

WALLACH, Joe. **Meu capítulo na TV Globo**. Rio de Janeiro, Topbooks, 2011.

WHYTE, A. V. T. **Guidelines for fields studies in environmental perception**. Paris: UNESCO, 1977.

Wikipédia - Cronologia da televisão no Brasil -

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Cronologia_da_televis%C3%A3o_no_Brasil> – Acesso em: 03 dez. 2016.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **No ar: a história da notícia de rádio no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2012.

ANEXO

ANEXO A – Link para documentário

Documentário “A história do rádio e da televisão pela perspectiva biográfica-midiática de Sérgio Reis” está disponível no YouTube através do link <https://youtu.be/V3ykQUqZMHE>.